



Das principais correntes ideológicas operárias, o marxismo é a que surgiu mais tardiamente. O socialismo utópico, algumas tendências do socialismo reformista e os primeiros esboços do anarquismo, por exemplo, são movimentos que espontaneamente surgiram desde o início do século XIX, bem antes do marxismo. Este se elabora a partir da década de 1840 e sua expansão se faz de maneira lenta, até que no século XX ele se torna a ideologia mais importante do movimento operário. Entre esses dois momentos, o da difícil expansão e o da hegemonia, temos um fato de excepcional importância, que é a Revolução de Outubro de 1917.

*Edgard Carone*

ISBN 85-7587-032-7



9 788575 032037



Lincoln Secco  
Marisa M. Deaecto (Orgs.)

Edgard Carone Leituras marxistas e outros estudos

Edgard Carone

# Leituras marxistas e outros estudos

Lincoln Secco  
Marisa Midori Deaecto  
(Organizadores)

LE CAPITAL  
PAR  
KARL MARX



## O MARXISMO NO BRASIL – DAS ORIGENS A 1964\*<sup>1</sup>

Das principais correntes ideológicas operárias, o marxismo é a que surge mais tardiamente. O socialismo utópico, algumas tendências do socialismo reformista e os primeiros esboços do anarquismo, por exemplo, são movimentos que despontam desde o início do século XIX, bem antes do marxismo. Este se elabora a partir da década de 1840 e sua expansão se faz de maneira lenta, até que no século XX ele se torna a ideologia mais importante do movimento operário. Entre esses dois momentos – o da difícil expansão e o da hegemonia –, temos um fato de excepcional importância, que é a Revolução de Outubro de 1917.

Limitando-nos até a Primeira Guerra Mundial, podemos verificar que a trajetória do marxismo é bastante acidentada e repleta de consequências. Uma delas, de caráter primordial, é a questão da sua expansão: ela se faz em níveis diferentes, conforme os continentes e os países. Até 1914, o marxismo penetra na Europa, enquanto seus reflexos são secundários na América e na Ásia. Tratando do Velho Mundo, é na Alemanha e na França que temos os seus maiores movimentos de massa, enquanto na Itália e na Espanha a sua penetração é mais lenta e secundária. E o caso russo é fenômeno próprio, como veremos. A razão,

---

\* N. Org. A presente edição em homenagem ao professor Edgard Carone contou com o apoio de Enise Carone, sua nora. Os textos foram reproduzidos de acordo com as edições originais, salvo o último capítulo, até agora inédito. Em função disso, mantivemos todas as formas de citação de livros, artigos, nomes de autores, feitas pelo autor. Não existe no Brasil uma bibliografia marxista atualizada. A de Edgard Carone citada no corpo do livro continua sendo a única disponível. Todavia, não cobre o período posterior a 1964, permanecendo como obra pioneira. A maior parte dos livros pertence ao acervo particular que o autor legou à sua família, sendo portanto muito difícil o trabalho de atualização das citações deixadas incompletas pelo autor. A catalogação da biblioteca ainda não foi finalizada. Além disso, o leitor deve estar atento para diferentes grafias de nomes de autores clássicos do marxismo e do leninismo. O exemplo mais marcante e até mesmo desconhecido entre muitos é o de algumas edições do próprio Lenin, nas quais ele aparece como Nicolai Lenin. O mesmo se poderia dizer de diferentes maneiras de escrever os nomes de Bukharin, Stalin, Trotski etc. Edgard Carone optou por citá-los conforme as edições originais que circularam no Brasil e no mundo no período que abrange o seu levantamento.

<sup>1</sup> Publicado originalmente como Introdução ao livro: CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil*. Belo Horizonte: Dois Pontos, 1986.

entre outras, está nas condições do desenvolvimento do sistema capitalista que, no momento, limita-se mais a determinados países da Europa e Estados Unidos; fatores particulares, entretanto, levam o operariado inglês e americano<sup>2</sup> a defenderem primordialmente ideologias tradeunionistas (sindicalistas).

Cabe a Marx e Engels impulsionar suas idéias, influenciar o movimento trabalhista europeu e finalmente tentar tornar o marxismo a práxis do movimento operário. Natural que esse processo é longo e dependente das condições objetivas do desenvolvimento da classe trabalhadora. Este traço – fundamental da essência da filosofia marxista – é nítido desde o início da elaboração do pensamento de Marx e Engels. Estes não só acompanham a evolução das organizações operárias na Inglaterra e no continente europeu – e fora da Europa –, como intervêm pessoalmente nesse processo. É o caso da Liga Comunista (1847-1848), da Revolução de 1848, da Nova Gazeta Renana (1848-1849), da Primeira Internacional (1864-1873), da Comuna de Paris (1871), da gestação e do problema da Social-Democracia alemã (1875) e do Partido Socialista francês (1879), para nos restringirmos a pequenos exemplos de suas férteis atividades revolucionárias.

A morte de Marx, em 1883, coincide com novo fluxo do movimento operário mundial. Ele e Engels seguem *pari passu* esse ressurgimento, mas é o último que terá oportunidade de ver frutificarem os esforços comuns de ambos. Engels terá tempo de verificar a vitória definitiva da Social-Democracia alemã: esta, depois de se organizar em 1875, no Congresso de Gotha, vai sofrer as conseqüências da política anti-socialista de Bismarck, o que a leva a viver em condições precárias entre 1878 e 1890; com a revogação da medida, a Social-Democracia alemã reorganiza-se legalmente, afirmando sua posição marxista no Congresso de Erfurt, de 1890. Desta maneira, nos anos negros da política repressiva de Bismarck, o partido, que ainda vacilava entre as ideologias lassaliana e marxista (Programa de Gotha), agora toma posição clara a favor do materialismo dialético de Marx e Engels. Na França, por sua vez, temos o aparecimento do Partido Operário, ou guesdista, resultado do Congresso de Marselha de 1879. A ala de Jules Guesde, ao qual está ligado Charles Longuet, genro de Marx, vai dominar,

2 N. Ed. O autor designa o natural ou procedente dos Estados Unidos da América por "americano".

ainda mais que a cisão dos possibilistas (dirigidos por Paul Brousse), em 1882, torna mais forte o grupo marxista. Outro exemplo é o da Espanha, onde o Partido Socialista Operário é fundado em 1879. País de rica tradição operária – anarquista, anarcosindicalista etc. –, a Espanha foi um dos centros mais importantes da Primeira Internacional, momento em que a ala marxista de Paul Lafargue se posicionou fortemente contra Bakunin e seus partidários. Esta influência se consolida no PSO, ainda mais que Pablo Iglésias e José Mesa y Leompart mantêm ligações com Jules Guesde e o Partido Operário francês. Afinal, na Itália, o primeiro Partido Operário italiano, de 1882, é reformista e só aceita operários como seus filiados. Ideologicamente é composto de democratas, mazzinistas, socialistas, anarquistas etc. Em 1886, depois de crise interna, inclui, pela primeira vez, intelectuais em suas fileiras. Em 1890, Arturo Labriola ministra curso sobre materialismo histórico na Universidade de Roma. Afinal, em 1892, no Congresso de Gênova, é que se forma o Partido dos Trabalhadores Italianos (posteriormente denominado Partido Socialista), que resulta na separação definitiva dos socialistas e anarquistas, e que abriga, além de reformistas, liderança marxista.

Desta maneira, Marx e Engels são testemunhas do nascimento das várias agremiações políticas operárias que se afirmam definitivamente durante as décadas de 1880 e 1890. O caso russo situa-se neste espaço cronológico, mas apresenta traços particulares: os dois se correspondem com Danielson, o tradutor de *O Capital*, entre 1868 e 1895; também eles mantêm contato epistolar com Vera Zasulich e G. Plekhanov. Vera e Plekhanov, na década de 1880, confessam-se admiradores do marxismo e cabe a eles a iniciativa da formação do primeiro núcleo marxista. Entretanto, a Emancipação do Trabalho, de 1883, é agremiação pequena e clandestina; o mesmo se dá com a União de Luta para a Libertação da Classe Operária, de Lenin e Martov, em 1893. Em 1898, com a fusão dos dois grupos é que temos o nascimento da Social-Democracia russa. Este partido é clandestino e pequeno, mas irá crescer com os anos, tornando-se partido de massa unicamente durante as revoluções de 1905 e 1917.

O crescimento da influência marxista entre o movimento operário é surpreendente, comprovando a pujança e a força da teoria revolucionária de Marx e Engels, resposta às próprias necessidades da classe trabalhadora. No entanto, não é nossa intenção nestas notas mostrar como a teoria é assimilada pelas lideranças destes partidos, e

em que sentido o seu pensamento corresponde ou não às concepções revolucionárias de Marx e Engels. Por isso, deixamos de encarar o "revisonismo" de um Bernstein, ou o "positivismo" de um Kautski. O que nos interessa é um outro aspecto, o de assinalar os limites materiais da difusão da obra escrita de Marx e Engels até a Primeira Guerra Mundial. Este é um aspecto que envolve indiretamente o nosso caso, daí a necessidade de sua abrangência.

Enquanto vivos, Marx e Engels publicaram parte de sua obra; a outra ficou exposta "à crítica raivosa dos ratos", como confessa Marx. É com a fundação do Instituto Marx-Engels, a partir da década de 1920, que se intensifica o aparecimento dos inéditos, ao mesmo tempo que se reeditam sistemática e criticamente as obras surgidas anteriormente.

Não é volumosa a produção de Marx e Engels editada em livro, até 1895. No espaço de tempo que vai de 1843 àquela data, temos 52 anos de atividades literárias, período em que os dois autores produziram de maneira constante. Excluindo os inéditos, grosso modo, temos três tipos de trabalhos: os escritos circunstanciais, os livros de análise (filosofia, política, economia) e a correspondência geral (que deixaremos de comentar aqui). Por necessidade material ou por razões políticas e ideológicas, Marx e Engels colaboraram intensamente em revistas e jornais da época, tanto europeus como dos Estados Unidos. Esta obra circunstancial ou ocasional naturalmente serve para marcar o pensamento de seus autores, como representa maneira de difundir a concepção marxista. Há, no entanto, um problema que se apresenta neste tipo de literatura. Fragmentada no tempo e no espaço, ela se perde nas folhas dos jornais diários e nas revistas mensais, tornando praticamente impossível o seu manuseio pelos futuros interessados. Desta maneira, o seu conteúdo permanece na memória de uns poucos, que o leram ou o colecionaram no seu devido tempo. Para mostrar estes limites, temos de lembrar que é em 1896 que Eleanor Marx-Aveling (filha mais nova de Marx) reúne os artigos que dão origem ao livro *Revolução e contra-revolução na Alemanha* (de Engels, mas que ela acredita ser obra de seu pai), e que saíra originariamente no *New York Daily Tribune*, em 1851-1852; de 1897 é *A questão do Oriente*, organizado por Eleanor e Edward Aveling, coletânea de artigos aparecidos no mesmo jornal, entre 1853-1856; e é em 1916 que Riazanov reúne ensaios do período 1852-1856, que denomina de *Escritos políticos*. Estas coletâneas englobam parte mínima dos esparsos jornalísticos de Marx

e Engels e, apesar de seu interesse para a história do marxismo, sua influência se faz sentir praticamente de maneira secundária.

Os livros de Marx e Engels apresentam características menos limitativas, ainda que levantem questões que precisam ser levadas em conta. É o caso das suas publicações, reedições e traduções. Uma avaliação breve permite verificar que muitas das obras individuais de cada um, ou de autoria de ambos, saíram uma única vez - por exemplo, *A sagrada família*, de 1845, é reeditada unicamente em 1932 - enquanto outros livros tiveram a ventura de maior número de edições. Para nos limitarmos até 1914, verificamos o seguinte:

<i>Miséria da Filosofia</i>	<i>Manifesto comunista</i>	<i>O 18 Brumário de Luís Bonaparte</i>
Marx	Marx e Engels	Marx
1847 (Bruxelas; original em francês)	1848 (ed. alemã, Londres)	1852 (aparece na revista <i>A Revolução</i> , Nova York)
1885 (ed. alemã)	1848 (2ª ed. alemã, Londres)	1869 (ed. alemã)
1892 (ed. alemã)	1850 (ed. inglesa, Londres)	1885 (ed. alemã)
1896 (2ª ed. francesa)	1859 (ed. russa, Genebra)	1888 (ed. francesa)
	1872 (ed. alemã)	1898 (ed. inglesa, Nova York)
	1872 (ed. inglesa, Nova York)	1900 (ed. francesa)
	1882 (ed. russa, Genebra)	1905 (ed. russa, S. Petersburgo)
	1883 (ed. alemã, Zurique)	1907 (ed. alemã)
	1886 (ed. francesa, Laura Lafargue)	
	1888 (ed. inglesa, Londres)	
	1890 (ed. alemã, Londres)	
	1891 (ed. italiana)	
	1901 (ed. francesa)	

<i>Revelações sobre o processo dos comunistas de Colônia</i>	<i>Contribuição à crítica da economia política</i>	<i>Herr Vogt</i>
Marx	Marx	Marx
1853 (ed. alemã, Bale)	1859 (ed. alemã)	1860 (ed. alemã, Londres)
1853 (ed. alemã, Boston)	1895 (ed. italiana)	
1874-1875 (ed. alemã)	1896 (ed. russa, Moscou)	
1885 (ed. alemã)	1897 (ed. alemã)	
1914 (ed. alemã)	1899 (ed. italiana)	
	1899 (ed. francesa)	
	1904 (ed. inglesa, Chicago)	
	1907 (ed. alemã)	
	1909 (ed. francesa, trad. Laura Lafargue)	
	1910 (ed. espanhola)	
	1914 (ed. italiana)	
		<i>Valor, preço e lucro</i> (Conferência feita em 1865)
		Marx
		1898 (ed. inglesa)
		1899 (ed. francesa)

<i>O Capital</i> (Livro I)	<i>O Capital</i> (Livro II)	<i>O Capital</i> (Livro III)	<i>Anti-Dühring</i>
Marx	Marx	Marx	
1867 (ed. alemã) 1872 (2ª ed. alemã) 1872-1875 (ed. francesa, em fascículos) 1872 (ed. russa, 5. Petersburgo) 1879 (ed. resumida, Cafiero) 1883 (ed. resumida, Gabriel Deville) 1886 (ed. italiana) 1887 (ed. inglesa) 1890 (ed. alemã) 1894 (ed. francesa, trechos escolhidos por Paul Lafargue) 1897 (2ª ed. de Gabriel Deville)	1885 (ed. alemã) 1900 (ed. francesa)	1894 (ed. alemã) 1902 (ed. francesa)	1877-1878 (aparece em forma de artigos, Leipzig) 1878 (ed. alemã) 1894 (3ª ed. alemã)

<i>A situação da classe operária na Inglaterra</i>	<i>Revolução e contra-revolução na Alemanha</i>	<i>A origem da família, da propriedade privada e do Estado</i>	<i>Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã</i>
Engels	Engels	Engels	Engels
1845 (ed. alemã) 1887 (ed. alemã) 1899 (ed. italiana)	1851-1852 (aparece no <i>New York Tribune</i> ) 1896 (ed. inglesa, trad. Eleanor Marx-Aveling) 1900 (ed. francesa, trad. Laura Lafargue) 1901 (2ª ed. francesa, trad. Leon Remy)	1884 (ed. alemã) 1885 (ed. italiana) 1891 (4ª ed. alemã) 1893 (ed. francesa)	1886 (aparece na revista <i>Neue Zeit</i> ) 1888 (ed. alemã)

A listagem não é completa, mas demonstrativa da produção surgida nos países de maior desenvolvimento capitalista. Deixamos de lado algumas traduções feitas em países de influências política e cultural secundárias, como a Romênia, a Dinamarca etc., que a partir da década de 1880 começam a verter algumas obras de Marx e Engels. No levantamento, limitado geográfica e cronologicamente (pois vai até a Primeira Guerra Mundial), podemos constatar as seguintes características:

1) a predominância de edições em língua alemã (algumas aparecem na Inglaterra, a maioria na Alemanha);

2) as traduções inglesas são editadas na Grã-Bretanha, algumas nos Estados Unidos;

3) o número de obras em francês é de pequena monta;

4) as traduções russas se antecipam, em muitos casos, às de outros países;

5) o número de traduções italianas cresce rapidamente a partir do começo do século.

Apesar destas constatações, temos de observar ser pequeno o número de livros e de reedições na época. Nós não podemos, entretanto, confundir as edições esparsas de seus livros com a publicação de suas obras completas. A famosa edição *Mega*<sup>3</sup>, iniciada a partir de 1926, incluiria 36 volumes; a atual edição de suas obras completas compõe-se de 50 volumes, com mais de 500 páginas cada um; e o Instituto Marx-Engels anuncia uma nova edição em 100 volumes. Todas elas incluem os textos dos livros, artigos, correspondência etc., além das anotações preliminares dos seus diversos trabalhos, os recortes de revistas e jornais colecionados por eles para elaborarem os seus diversos trabalhos, as várias versões de *O Capital*, de *A guerra civil na França* etc. Para não falarmos das introduções e notas aos textos. Este volume colossal de textos e adendos só foi oferecido ao público, pela primeira vez, depois da fundação do Instituto Marx-Engels, de Moscou (1920).

Outra foi a realidade vivida por Marx e Engels. Eles só puderam editar pequena parte de sua produção. Sabe-se, pela correspondência entre ambos - ou por outras fontes -, das suas dificuldades em encontrar editores, como no caso de *A ideologia alemã* ou de vários outros trabalhos. Mas também há dois outros fatores que prejudicaram a publicação de seus livros. Um é a reação política e social na Europa entre 1850 e 1870; outro, a política da *Kulturkampf*, de Bismarck, que se situa entre 1878 e 1890. O primeiro instante resulta do movimento contra-revolucionário da burguesia europeia após 1848; o segundo é a política repressiva de Bismarck contra o movimento operário alemão e

3 N. Org. *Marx-Engels Gesamtausgabe (Mega)* é a primeira tentativa de edição das obras completas de Marx e Engels. Foram publicados 12 volumes entre 1927 e 1935 sob a direção de David Riazanov.

o socialismo. Nessa fase da reação européia, Marx e Engels produzem intensamente. E, por sua vez, os editores temem publicar literatura de tendência socialista, em geral, e a sua, em particular, ainda mais que a imprensa reacionária européia os acusa de mentores de uma série de atos subversivos. Daí porque boa parte do que escrevem sai originariamente em jornais americanos, alemães e ingleses, para só posteriormente serem enfeitados em livros (*O 18 Brumário de Luís Bonaparte, A luta de classes na França, Revolução e contra-revolução na Alemanha, para não esquecermos de A questão do Oriente, Obras políticas etc.*).

No momento da morte de Marx (1883), a reação recuara na maior parte da Europa, com exceção da Alemanha, onde a lei anti-socialista seria revogada em 1890. Por sua vez, o contínuo crescimento do movimento operário é fator objetivo favorável à expansão do marxismo, ainda mais que Engels, seus discípulos e os familiares de Marx esforçam-se no sentido de divulgar o mais profundamente possível a filosofia do materialismo dialético. Sabe-se que Engels abandona grande parte do trabalho literário pessoal para se dedicar a duas tarefas fundamentais: acompanhar o movimento operário europeu e publicar a obra de seu companheiro. A partir de então, ele reedita, com prefácios e notas, a *Contribuição à crítica da economia política, O Manifesto comunista etc.*; e dedica-se aos Livros II e III de *O Capital*, esforço de vários anos de labuta. Duas das filhas de Marx – Laura e Eleanor – traduzem para o francês e o inglês alguns dos escritos de Marx: *Revolução e contra-revolução na Alemanha, Manifesto comunista, Contribuição à crítica da economia política, Valor, preço e lucro, História da vida de Palmerston, História da diplomacia secreta do século XVIII, A questão do Oriente*. Afinal, outra parte do trabalho cabe a discípulos de Marx, como Edward Aveling, que verte *O Capital* para o inglês; Karl Kautski, que reúne o material do Livro IV de *O Capital*, que sai com o nome de *História das doutrinas econômicas* (1905-1910). Aparecem as *Cartas a Kugelmann* (1902) e a *Sorge* (1906). August Bebel e Eduard Bernstein publicam a *Correspondência Marx-Engels* (1913). Riazanov reúne artigos de 1852 a 1856, com o nome de *Escritos políticos* (1916).

O crescimento significativo do número de edições, em que se incluem inéditos e reedições de Marx, será acompanhado de novos escritos de Engels: a *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886),

*Socialismo utópico e socialismo científico* (1880), *A dialética da natureza etc.* são frutos deste período, para não contarmos as novas edições de seus livros, ou as traduções que aparecem em vários países.

A questão da tiragem é outro fator diferencial que ajuda a distinguir a primeira da segunda fase editorial das obras de Marx e Engels (a primeira indo de 1845 a mais ou menos 1880; a segunda, de 1880 a 1914). Engels, no Prefácio à quarta edição (1891) da *Origem da família...*, nota que “as precedentes edições deste livro, apesar das grandes tiragens, estão esgotadas há seis meses...”. Esta obra encontra grande acolhida, não só pelo seu valor como por ser tema em voga no momento, o que explica as “grandes tiragens”. No entanto, não é fácil esclarecer o que se entende por este termo que, aliás, não pode ser aplicado comumente às obras de Marx e Engels. Seriam 2 mil, 3 mil, 4 mil ou 5 mil? Ou mais exemplares?

Os poucos dados estatísticos existentes permitem avaliar a questão com dificuldade. A *Contribuição à crítica da economia política* é editada em Berlim, em 1859. É de mil o número de exemplares. Ela é praticamente ignorada pela crítica especializada alemã e é Engels quem escreve dois artigos para divulgar o livro. A tiragem se esgota com o tempo. *O Capital* é livro de sucesso editorial, com a primeira edição em 1867, a segunda em 1872. Elas não hão de ter passado de 2 mil exemplares em cada edição. Também esta é a média do *Manifesto comunista* nas suas diversas edições até 1905, quando oscila entre 2 mil a 3 mil exemplares por vez, aumentando um pouco posteriormente.

Esta constatação levanta, automaticamente, o problema da relação entre o crescimento do movimento operário e a difusão da literatura marxista. Verificamos anteriormente que há constante crescimento do movimento operário de tendência marxista. A influência sobre a massa é devida, em parte, às ações constantes e pessoais de Marx e Engels – as quais incluem a difusão de seus livros – e, também, ao trabalho de seus discípulos, como Kautski, Bernstein, Bebel, Lafargue, Jules Guesde, Bax etc... Ou de seus discípulos da “segunda geração”, isto é, daqueles que não conviveram com Marx e Engels, como Lenin, Rosa Luxemburgo, Trotski etc.

Apesar desse avanço prático e teórico, que cresce ainda mais com a fundação da Segunda Internacional, nota-se que, no geral, existe dificuldade de assimilação da obra marxista. Os trabalhos de Marx são densos e exigem do leitor conhecimentos gerais sobre economia,

história e sociologia, entre outras coisas, sem os quais tomam-se difíceis o entendimento do seu método e a compreensão do seu pensamento. Ainda mais, Marx faz uso constante de alegorias, muito dentro da tradição que vem desde Lutero e que permeia grande número de pensadores alemães dos séculos seguintes. A Contribuição à crítica... e O Capital estão cheios de exemplos deste recurso, ainda que no primeiro deles tenhamos, “de maneira muito imprecisa, o método do materialismo histórico”; e no segundo, “Marx atinge, na nossa opinião, o *summum* de seu talento literário – e é do ponto de vista literário que se pode estudar melhor a natureza de suas alegorias.”<sup>4</sup> Com Engels a dificuldade é menor, não por ser menos profundo, mas pelo seu estilo mais límpido. Ele também, no decorrer dos últimos anos de sua vida, vendo a dificuldade de muitos em compreender a essência do método marxista, dedica-se a esclarecer o seu sentido em cartas pessoais, ou publica livros que são verdadeiras introduções ao marxismo. É o caso do *Anti-Dühring*, de *Socialismo utópico* e *socialismo científico*, de *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, de *O papel da violência na história* etc.

Este esforço torna o marxismo mais acessível, apesar de não ser suficiente para torná-lo assimilável pelo grosso da população. Aliás, as poucas reedições e a pequena tiragem dos livros de Marx e Engels demonstram que a social-democracia alemã, o Partido Socialista francês e os partidos socialistas de Espanha e Itália não elaboraram uma política cultural que pretendesse atingir o grande público. Esta tendência só se daria após a Revolução Russa.

Apesar da difusão precária das obras de Marx e Engels, esse é o primeiro passo para a afirmação da sua doutrina; o segundo é o que resulta da crescente produção dos partidos operários marxistas ou da

4 MEHRING, F. Karl Marx e a alegoria. In: RIAZANOV, D. *Karl Marx, homme penseur et révolutionnaire*, p. 68. Entre vários trechos alegóricos, Mehring cita o seguinte: “À primeira vista, uma mercadoria nos aparece como alguma coisa de natural, de trivial. Analisando-a, constatamos que é uma coisa extremamente complicada, cheia de sutilidades metafísicas e de argúcias teológicas. Enquanto é valor de uso, ela nada tem de mística. A madeira muda de forma quando se faz dela uma mesa; entretanto, a mesa permanece madeira, um objeto material ordinário. Mas, desde que ela se torna mercadoria, ela se transforma em um objeto material e imaterial. A mesa está colocada não só com os seus pés sobre a terra, mas, em relação a todas as outras mercadorias, ela se coloca sobre sua cabeça, e de sua cabeça de madeira engendra discursos frívolos mais divertidos do que se ela se pusesse a dançar.”

de seus discípulos, produções ambas que começam a surgir a partir das décadas de 1870 e 1880.

Já analisamos anteriormente a questão da publicação da obra dos fundadores do materialismo histórico. Cabe agora examinar o papel da produção marxista de autoria de outrem. O primeiro instante dessa nova manifestação se dá em caráter individual, por exemplo, no caso do aplauso que Marx recebe de Danielson, quando este, em 1868, escreve artigo elogioso sobre *O Capital*, que representa brilhante análise do que é o marxismo.

Diferentes são os movimentos da década de 1870 em diante. Agora eles se manifestam partidariamente, tendo à frente lideranças que traduzem os anseios teóricos e políticos de seus afiliados. Assim, a social-democracia alemã, o Partido Socialista francês, o Partido Socialista italiano, o Partido Socialista espanhol e a social-democracia russa vão produzir, cada um deles, uma vasta literatura política e teórica.

Esta bagagem de tendência partidária é primordialmente lida pelo grande público e é ela que marca a massa popular. Com isto não queremos afirmar de maneira alguma que possa existir dicotomia entre a obra de Marx e Engels – base para a formação teórica das lideranças marxistas – e a produção dos discípulos de Marx – que seria manancial destinado ao público em geral. É sabido que Lenin considerava Plekhanov como seu mestre e é nos seus livros que ele vai buscar, em muitos momentos, a afirmação de seu ideal. No entanto, como veremos, é a obra de um Kautski ou de um Lafargue que encontra, naquele momento, maior número de leitores, e eles são considerados os grandes marxistas da época.

Voltamos a repetir que não nos interessa aqui avaliar o caráter reformista de um Bernstein, nem o positivista de um Kautski, nem o mecanicista de um Lafargue. O importante é que eles e outros produziram grande massa de artigos em jornais, editaram livros de debates políticos e de teoria e, por sua vez, foram considerados os líderes de seus partidos.

As publicações destes autores é que vão marcar, assim, mais profundamente o pensar das massas socialistas em geral. Podemos verificar o avanço de suas idéias através dos mesmos recursos parciais utilizados para avaliar o alcance da obra de Marx e Engels: o número de publicações, o meio estatístico e as traduções.

Seria impossível fazer um balanço da bibliografia dos marxistas alemães: Karl Kautski, Eduard Bernstein, Franz Mehring, Rosa Luxemburgo, Victor Adler, Georg Vollmar, August Bebel, Karl Liebknecht etc.; dos franceses: Paul Lafargue; Jean Longuet, Lissagaray, Jules Guesde, Gabriel Deville etc.; dos italianos: Arturo Labriola, Rodolfo Mondolfo, Erico Ferri, Eduardo De Amicis, G. Salvioni, F. Merlino, A. Loria, etc.; dos espanhóis: Melia, Pablo Iglesias, Mesa etc.; e dos russos: G. Plekhanov, V. Lenin, Martov, Vera Zasulich, Trotski etc. A avaliação, entretanto, pode ser deduzida por outros índices.

Um deles é o estatístico. Na falta de ampla documentação, temos também, neste caso, de nos restringir a alguns limitados exemplos significativos. Já dissemos que a tiragem do *Manifesto comunista* varia entre 2 mil a 3 mil exemplares, nas diversas edições publicadas até 1905, aumentando um pouco nas subseqüentes. Nessa mesma época, a *Revolução social*, de Kautski, é lançada com 7 mil exemplares em 1903, e 21.500 em 1905. *Cristianismo e socialismo*, de Bebel, vende 37 mil exemplares entre 1898 e 1902, e mais 20 mil em 1903. O seu outro livro, *A mulher e o socialismo*, de 1879, alcança 30 anos depois a 50ª edição, naturalmente com um número recorde de exemplares vendidos. O mesmo se dá com o *Programa de Erfurt*, cuja tiragem inicial é de 120 mil exemplares<sup>5</sup>.

Estes números mostram que a literatura socialista também pode se transformar em *best-seller*, principalmente porque existe um público ávido para assimilar as teorias marxistas e as críticas levantadas ao sistema capitalista. A ampliação do fenômeno é geral, porque agora o movimento marxista atinge um sem-número de países, dentro e fora da Europa. E a partir de 1890, com a fundação da Segunda Internacional, temos mais outra razão para esta afirmação, agora que o movimento operário e a ideologia marxistas se fortalecem continuamente e quando a existência de uma nova Internacional faz crer na esperança de *um mundo só*. Daí o intercâmbio constante de traduções, pois os problemas aparecem como universais, mesmo que tenham de transpor fronteiras de países de níveis materiais e culturais diferentes. Por esta razão é que o livro de August Bebel, *A mulher e o socialismo*, aparece na

5 *A mulher e o socialismo* atinge, entre 1895 e 1909, 25 edições. Ver BEBEL, August. *op. cit.*, prefácios. As outras informações utilizadas estão em HOBBSAWM, Eric. *História do marxismo*, I, p. 428.

França em 1891, com prólogo de Paul Lafargue; na Itália, em 1905; na Espanha, em 1893 e, em duas outras edições, em 1906. O mesmo se dá com outros autores, que são facilmente vertidos para outras línguas, quer se trate de autores alemães, franceses, italianos etc.

A avaliação do problema da tradução pode ser feita, por exemplo, no caso espanhol, cujo levantamento da bibliografia marxista foi feito com bastante acuidade em trabalho recente<sup>6</sup>. Entre 1869 e 1914 foram traduzidos, para o espanhol, autores alemães, russos, franceses e italianos. Dividindo-os pelo critério que adotamos, temos obras de Marx-Engels, de um lado, e de seus discípulos diretos e seguidores de sua doutrina, de outro. O número de publicações destes anos soma 165 obras, sendo 49 de responsabilidade de Marx-Engels e 116 de outros autores. Mas, se dividirmos os anos de 1869 a 1914 em duas fases, temos:

	Marx-Engels	Outros
1869-1895	23	19
1896-1914	27	97

Entre os outros, os franceses ocupam papel de destaque. Sobressaem-se os nomes de Paul Lafargue, Gabriel Deville, Jules Guesde, Jean Jaurès, Vandervelde (que é belga). Apesar de um livro de Lafargue aparecer em 1872 (por causa da Primeira Internacional), os franceses começam a ser traduzidos a partir de 1886. Os alemães aparecem esporadicamente em 1893, voltando maciçamente depois de 1904. Eles estão representados pelos nomes de August Bebel, Werner Sombart, Karl Kautski, Eduard Bernstein e por um único livro de Rosa Luxemburgo. Os italianos também aparecem tardiamente, a partir de 1895, crescendo a seguir. Enrico Ferri e Turati são traduzidos em grande escala, seguidos por um único livro de Arturo Labriola (1908). Dos russos, Plekhanov é o editado, com dois livros, curiosamente aparecidos em Buenos Aires (1898, 1903).

6 RIBAS, Pedro. *Introducción del marxismo en España (1869-1939)*: ensayo bibliográfico. Madrid: Ediciones de la Torre, 1981.

O movimento marxista e socialista encontra-se diante de impasse quando se inicia o conflito armado de 1914. Nessa hora, a social-democracia alemã, o Partido Socialista francês, o Partido Socialista italiano etc. negam todo o seu passado internacionalista e aderem à idéia da defesa da pátria. Até facções de anarquistas e anarco-sindicalistas incorporam-se aos batalhões chauvinistas da "Pátria em primeiro lugar". Pequenos são os grupos que se mantêm fiéis à tese do "internacionalismo operário", da luta intransigente contra a "burguesia nacional", da luta contra a "guerra imperialista e a favor da revolução proletária". Os bolcheviques representam um dos poucos núcleos que denunciam o social-chauvinismo dos Kautski, Vandervelde, Jean Longuet e centenas de outros líderes da Segunda Internacional. Afinal, são eles que vão emergir com grande força após a Revolução Russa de fevereiro de 1917. Em outubro do mesmo ano, Lenin, Trotski, Zinoviev, Kamenev, Bukharin, Stalin, Piatnitski etc. apossam-se do poder e instauram, pela primeira vez na história, um regime marxista.

A guerra mundial, com a conseqüente posição patrioteira da maior parte das lideranças operárias, representa o declínio irremediável da Segunda Internacional. Já em 1915, Lenin vai proclamar a necessidade da formação de uma nova Internacional, que nada tivesse a ver com a anterior. A Terceira Internacional Comunista realiza o seu congresso inaugural em março de 1919, momento em que a Rússia encontra-se cercada por tropas dos países imperialistas – França, Inglaterra, Japão, Alemanha, Estados Unidos –, ao mesmo tempo que a guerra civil ainda se alastra por grande parte de seu território. O ato demonstra a coerência bolchevique e dos revolucionários da época na afirmação da universalidade do processo revolucionário e da necessidade da luta contra as classes dominantes.

A fundação da Terceira Internacional Comunista [IC] vai ser a mola dinâmica de todo o processo de difusão do marxismo e da nova literatura revolucionária pós-Revolução Russa. Cabe a esse organismo, através dos seus diversos congressos, direcionar, tática e estrategicamente, os partidos comunistas de todo o mundo. Daí o evento estar ligado a novas características da difusão do marxismo no mundo do pós-guerra, que será denominado de marxismo-bolchevismo ou marxista-leninista.

A Revolução Russa e a Terceira Internacional representam, assim, marcos que modificam o conceito e a imagem do processo

revolucionário. Da idéia de uma marcha inexorável – e um pouco mecanicista – do processo revolucionário, muito comum a alguns teóricos da Segunda Internacional, passa-se à noção "da necessidade de um partido operário, formado de militantes profissionais, dedicados às tarefas de mobilização das massas, de organização sindical etc. O partido coeso, defendendo a ideologia marxista e seguindo orientação revolucionária, torna-se o instrumento de ação ideal, ainda mais que é delineado segundo a experiência do partido bolchevista russo.

Antes da difusão de uma literatura marxista-leninista, o mundo operário terá de enfrentar um dilema, que é o de tomar conhecimento da verdadeira essência da Revolução Russa. É um fato corriqueiro a idéia de que os líderes bolcheviques praticamente eram desconhecidos no mundo ocidental, e que a revolução de outubro de 1917 seria uma revolução de tendência anarquista. Poucas pessoas na Europa tinham ouvido falar de Lenin ou Trotski, ainda menos em Bukharin ou Zinoviev. Aliás, entre alguns dirigentes da social-democracia alemã, Lenin era conhecido por líder intransigente, forjador de cisões etc.<sup>7</sup> Com o bloqueio da burguesia imperialista européia, dificilmente se poderia ficar bem informado sobre o que seria a Revolução Russa, ainda menos sobre o que era o bolchevismo.

Cabia aos correspondentes de guerra estrangeiros ou aos oficiais das missões estrangeiras (França, Inglaterra etc.), vivendo na Rússia, informar ao mundo ocidental o que se passava neste país. Os quatro volumes de Claude Anet, escritos no dia-a-dia dos acontecimentos revolucionários, é exemplo da informação que se filtra para o mundo exterior.<sup>8</sup> Aimé Massou publica, em cima da hora, a sua *Histoire complète de la Révolution Russe* (1917); René Herval, o *Huit mois de Révolution Russe (juin 1917-janvier 1918)* (1918); Robert Vaucher, o *L'enfer bolchevick (à Petrograd sous la Commune et la terre rouge)* (1919); e Charles Dumas, *La vérité sur les bolchevicki* (1919). Estes exemplos de literatura, de acento hostil aos bolcheviques, entretanto, apresentam traços positivos, porque, além das críticas que endereçam aos comunistas, eles não deixam de filtrar informações verídicas sobre a Revolução, o partido comunista e seus dirigentes, sobre as condições

7 WEILL, Claudie. *Marxistes russes et Social-Démocratie allemande: 1898-1904*.

8 ANET, Claude. *La Révolution Russe*. 4v., 1917-1919.

de vida na Rússia etc. Para contrabalançá-la, começam a circular também livros de estrangeiros, que vivem na União Soviética ou conseguem penetrar em seu território, e de lá informam mais honestamente os leitores do Ocidente. É o caso de Arthur Ransome, *Six semaines en Russie em 1919* (1919)<sup>9</sup>, ou de Jacques Sadoul, *Notes sur la révolution bolchevique (1918-1919)*.

Os russos vão batalhar quatro anos (1917-1921) até conseguirem derrotar os exércitos dos países imperialistas. E, para acabar com a política de desinformação dos países capitalistas, os bolcheviques organizam várias frentes de propaganda, que vão da impressão e da difusão de sua própria literatura política até a formação de organismos destinados a difundir pelo mundo os ideais da Revolução Russa. É utilizando este leque de atividades que eles vão poder projetar a sua imagem ao mundo ocidental.

É com as primeiras reações do Estado soviético (1917) – e principalmente com a fundação da Terceira Internacional Comunista (março de 1919) – que começa a aparecer uma nova literatura marxista, voltada especificamente para a questão da guerra, os problemas do socialismo e do imperialismo, a crise do regime burguês: esta literatura ideológica é assinada por Lenin, Trotski, Kamenev, Zinoviev, Bukharin etc. Ao mesmo tempo, ela se enriquece com as teses e resoluções do Primeiro e Segundo Congresso da IC (1919 e 1920), além de brochuras circunstanciais tratando da defesa da Rússia, da situação atual dos diversos e recentes movimentos comunistas na Europa etc. Este conjunto de trabalhos marca, do ponto de vista da literatura marxista, o primeiro momento de uma ruptura entre a fase atual e a anterior a 1914, fase esta que prosseguirá, com modificações, mas de maneira ininterrupta, nos anos seguintes.

A separação que se vai estabelecendo entre a literatura dos teóricos do bolchevismo e os da Segunda Internacional acentua-se cada vez mais com o tempo. É verdade que tanto Lenin como Trotski – e dezenas de outros líderes – foram formados dentro do contexto intelectual da Segunda Internacional. Eles são discípulos de Marx e Engels e viam em Kautski, Plekhanov, Jules Guesde os continuadores da doutrina de seus mestres. Não é preciso lembrar o estupor de Lenin ao saber que a

<sup>9</sup> O livro é traduzido e publicado pelo jornal *Voz do Povo*, Rio de Janeiro.

social-democracia alemã votara a favor do orçamento militar, no Parlamento alemão; ou quando os socialistas franceses adotaram a mesma posição frente ao seu governo. Diante da posição social-chauvinista, os internacionalistas romperam definitivamente as suas relações com os trãsugas do socialismo. E esta separação política e ideológica refletiu-se pesadamente no pós-guerra. Kautski continuou a ser chamado de o “renegado”; Emile Vandervelde, de o “patrioteiro russo”; Jules Guesde, de “traidor” etc. Desta maneira, estes teóricos da época áurea da Segunda Internacional, que tinham sido traduzidos em várias línguas, agora são estigmatizados e postos de quarentena, não havendo novas edições de seus livros. Nas décadas de 1920 e 1930, eles vão se tornando cada vez mais desconhecidos, merecendo apenas algumas citações, no mais das vezes negativas. Desta maneira, a ruptura havida provoca empobrecimento da herança literária do marxismo, que só será recuperada, em pequena parte, nas décadas de 1960 em diante.

O ataque sistemático aos líderes e à política da Segunda Internacional leva a uma ruptura profunda com o passado próximo. É justo que neste momento inicial de dificuldades – militares, econômicas etc. – os bolcheviques e o novo movimento operário comunista não tivessem tempo, nem interesse, em avaliar o que seria ou não positivo nessa herança. O ataque, por muitas razões, só poderia surtir efeito se visasse aos trãsugas como um todo. Depois de Lenin escrever *A revolução proletária e o renegado Kautski*, de Trotski denunciar a política da Segunda Internacional etc., a imagem que se fixa é da traição global desse organismo, que parece ser vista aqui como um todo. É verdade que Lenin distingue o Kautski revolucionário – até *O caminho do poder*, de 1907 – do Kautski revisionista etc. Mas estas distinções sutis são afastadas, sendo aceita a idéia da totalidade. As poucas exceções são representadas pelos internacionalistas alemães, como Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Franz Mehring etc.

As conseqüências desta separação se fazem sentir, entre outras coisas, na formação de uma nova visão hegemônica do marxismo, naquela que se denomina de marxismo-leninismo, isto é, do marxismo da fase da expansão imperialista e da revolução proletária. É ela que vai dominar o movimento de esquerda no mundo inteiro,

será em torno dela que serão debatidos os problemas revolucionários da classe operária e, também, é em torno de seus princípios que irão surgir crises e cisões.

\* \* \*

Como pode ser observado na parte cronológica da bibliografia<sup>10</sup>, a influência do marxismo no Brasil só se faz sentir a partir da fase pós-Revolução Russa. E antes, o que se conhece sobre o marxismo? Não existe influência dessa corrente, através de sua literatura ou da ação de Marx ou de seus discípulos?

Os nomes de Marx e Engels aparecem citados em nossos jornais e revistas, proletários ou não, desde 1872. Entretanto, o que se conhece deles são algumas indicações, um ou outro elogio de o *Manifesto comunista*, a notícia necrológica da morte de Marx etc.; o máximo desta informação é a notícia do *Echo Americano* (1872) ou um artigo marxista de Enrico Ferri, publicado em italiano, no *Almanacco socialista del 1902*, onde este autor critica a teoria do socialismo integral, de Benoit-Malon. Fora exceções deste quilate, não há no Brasil, até a Primeira Guerra Mundial, nenhuma análise, satisfatória ou não, do materialismo dialético, e o mais curioso, nenhuma tradução de trechos ou artigos de Marx e Engels.

Aliás, os nomes mais citados na imprensa e nos livros são de pensadores socialistas secundários, como Benoit-Malon, Louis Blanc etc. Entretanto, a circulação dos livros de Marx e Engels no Brasil era regular, ainda mais que não havia a mínima censura sobre as publicações de caráter social. É sabido que os anarquistas e socialistas brasileiros mantinham correspondência com seus colegas da França, Espanha, Portugal e Itália, mandando-lhes material brasileiro e recebendo-os de outros países. As revistas e livros estrangeiros – e os nacionais – eram postos a venda por preços abaixo do mercado, exatamente para circularem mais facilmente entre a classe trabalhadora. Além disso, as próprias livrarias importavam essa mesma literatura de esquerda. Por exemplo, através da leitura do *Manifesto do Partido Socialista Brasileiro*, de 1902, pelo levantamento da biblioteca de Astrojildo Pereira e a de Silvério Fontes, pode-se verificar ter havido,

10 N. Org. A bibliografia aludida aqui por Carone encontra-se na edição citada na nota 1.

desde o começo do século, regular circulação das obras de Marx e Engels editadas em francês: K. Marx, *Révolution et contre-révolution en Allemagne*, Giard et Brière, 1900; K. Marx, *L'Allemagne en 1848*, Schleicher, 1901; K. Marx, *La lutte des classes en France et Le XVIII Brumaire de Louis Bonaparte*, Schleicher, 1900; Engels, *Les origines de la société*, G. Jacques, 1900; Marx e Engels, *Le Manifeste Communiste*, Société Nouvelle, 1901; etc. Em menor escala, aparecem livros dos mesmos autores em italiano ou espanhol, e em Portugal temos unicamente *O Capital*, na edição de Gabriel Deville<sup>11</sup>.

O prático desconhecimento do materialismo histórico deve-se não só ao fato da complexidade desta teoria como à existência de uma pesada herança ideológica anarquista. Este impasse seria superado com o aparecimento do Partido Comunista do Brasil, que forçaria uma situação nova.

O PCB é de março de 1922, momento posterior ao aparecimento da literatura marxista-leninista. Não há dúvida de que os Astrojildo Pereira, os Otávio Brandão, os Bernardo Canelas etc., ainda quando fervorosos anarquistas ou socialistas reformistas, defrontam-se com uma massa crescente de livros e informações jornalísticas que tratam da Revolução Russa e da ideologia bolchevique. Muitos livros sobre a Rússia aparecem na França entre 1917 e 1920, como vimos atrás<sup>12</sup>. Esta série de trabalhos – relativamente reduzida até 1920, e que cresce muito nos anos seguintes – é absorvida pela elite dos operários brasileiros, que traduz alguns livros da safra inicial e os publica em jornais.

Esta primeira corrente de informação, seguida de outras em futuro próximo, é importante, mesmo que seja predominantemente de caráter antibolchevique. Como dissemos, para contrabalançar esta influência

11 Antônio dos Santos Figueiredo, em *Memórias de um jornalista*, confessa: "Foi em 1913, no terceiro ano, que me entreguei, com mais afinco, aos estudos sobre o socialismo. Graças a uma velhinha francesa, que tinha livraria na rua S. João, obtive algumas obras da 'Biblioteca Socialista Internacional', editada por Alfred Bonnet. Formavam elas uma coleção, compondo-se de 16 volumes, subscritos pelos mais notáveis doutrinadores – Carlos Marx, G. Deville, Benedetto Croce, Kautski, Sombart. Pertencia a essa coleção *Ensaio sobre a concepção materialista da história*, de Antônio Labriola, professor da Universidade de Roma", p. 126-127.

12 Sublinhamos o caso da França por este país ser a nossa principal fonte cultural. É natural que tenham aparecido publicações inglesas e americanas sobre a Rússia, mas elas dificilmente chegaram ao Brasil no original, porque poucas pessoas dominavam a língua inglesa.

negativa, cabe principalmente à Terceira Internacional Comunista criar mecanismos de circulação de seus ideais. Mas, antes da aparição da Terceira Internacional, temos, a partir de 1918, a publicação de pequenas brochuras em Moscou, todas elas em língua francesa. É o caso da Edition du Groupe Communiste Français; ou das famosas *Notes sur la révolution bolchevique (octobre 1917-juillet 1918)*, de 1919, seguidas d'*Une nouvelle lettre*, de Jacques Sadoul, do mesmo ano. Estas publicações, avulsas ou não, destinadas ao Ocidente, são seguidas por uma série editada pelas Unions Ouvrières, de Genebra, que se intitula Éditions Françaises Concernant la Russie des Soviets. Nela temos coletâneas de decretos fundamentais do novo Estado soviético, obras de Lenin, Radek, Wanine, Trotski etc.<sup>13</sup>. No momento em que a União Soviética tinha parte de suas fronteiras bloqueada pelos exércitos capitalistas, o fato de esta literatura ser editada na Suíça facilitava-lhe a circulação pelo mundo capitalista.

Apesar do uso de todos os recursos disponíveis, os bolcheviques necessitam utilizar instrumentos mais permanentes e conseqüentes para a difusão de seus princípios. Com a fundação da Terceira IC, em março de 1919, começam a se concretizar os seus diversos canais de propaganda. Em Petrogrado surge, em 1919 e em língua francesa, a *Éditions de l'Internationale Communiste*. A listagem supera a casa de 60 livros, e nela se incluem escritos de Lenin, Trotski, Zinoviev, Karl Radek, Pierre Pascal, Clara Zetkin, Sylvia Pankhurst, René Marchand, resoluções do Primeiro e Segundo Congressos da IC, documentos sobre a Comuna de Paris (1871), *Thèses sur le rôle du Parti Communiste dans la révolution prolétarienne* etc. etc. Do mesmo ano é *L'Internationale Communiste, Organe Officiel du Comité Executif de l'Internationale Communiste*, que aparece simultaneamente em russo, francês, alemão e inglês; sua redação localiza-se em Petrogrado, passando a ser impresso na França unicamente em 1926. De 1921 é *L'Internationale Syndicale Rouge, Bulletin du Bureau Executif*, editado em Moscou após o Primeiro Congresso Internacional dos Sindicatos Revolucionários (3 a 19 de julho de 1921); afinal, é a partir de 1926 que a sua revista começa a ser impressa na França. O mesmo se dá com *La Correspondence Internationale*, de 1921, cuja administração se localiza em Berlim, e que

13 Ao todo são 21 títulos (até 1918).

a partir de 1924 se imprime em Viena, até que acaba sendo composta na França, em 1926.

Estas publicações quinzenais e mensais, destinadas especificamente à divulgação doutrinária, política e sindical, representam reforço ao movimento comunista mundial, no momento em que começam a serem fundados os novos partidos comunistas. O PC alemão é de 1918, o francês de 1920, o italiano de 1921, o polonês de 1918, o búlgaro de 1919, o chinês de 1921, o espanhol de 1920, o grego de 1918, o português de 1921, o canadense de 1921, o americano de 1919, o argentino de 1918, o PCB é de 1922, o chileno de 1922, o mexicano de 1919, o uruguaio de 1920 etc.

O francês é a língua culta e comumente mais conhecida no mundo latino, o que nos leva a abandonar qualquer outra comparação com a influência de fontes de origens eslava e germânica. Por isso, é importante para a IC manter edições nessa língua, pois elas são largamente difundidas na Itália, Espanha, Portugal, América Latina, colônias francesas etc. No Brasil - sem esquecermos os países citados -, a burguesia, em geral, fala fluentemente o francês, e parte da população letrada o conhece bem. Como todo contato cultural do mundo latino, nesse momento, se faz via França, podemos explicar a persistência da Internacional em procurar, nesse primeiro instante, editar seu material em francês, concomitantemente às edições inglesa e alemã.

A irradiação do pensamento revolucionário se faz, desta maneira, por meio de difusão de livros editados esparsamente ou em pequenas séries. A partir de 1919, começam a ser sistematizados os organismos revolucionários - Internacional Comunista, Internacional Sindical Vermelha [ISV] - e, conseqüentemente, o mesmo acontece com suas publicações doutrinárias - *L'Internationale Communiste*, *L'Internationale Syndicale Rouge*, *La Correspondence Internationale*<sup>14</sup>.

Dentro deste panorama inicial de propaganda, cujo centro de edição é Moscou - ou, no máximo, Berlim - temos um fato insólito, de pequena duração e que antecede o processo inicial e hegemônico francês: é a publicação, em Buenos Aires, de livros e revistas em espanhol.

14 O leitor precisa levar em conta que a análise levantada aqui trata especificamente sobre fontes de influência do movimento comunista internacional. Não nos interessa mostrar a reação havida a esta literatura e nem as características de sua assimilação.

Atrás sublinhamos o fato de que as edições em língua francesa destinam-se a atingir a América Latina. Com exceção do Brasil – que também absorve a literatura em língua espanhola –, todos os outros países latino-americanos falam o espanhol. Daí, sem dúvida, o interesse da publicação nesta língua, fato que vai se repetir numa segunda fase da expansão da literatura da IC, que se pode localizar a partir de 1926. Entretanto, neste primeiro momento, em que livros e revistas em língua francesa ainda saíam impressos em Moscou, onde a IC se defrontava com problemas bastante agudos e a Rússia tinha de se defender da reação militar e repressiva do mundo capitalista, é bastante inusitado que a IC e o PC argentino tenham editado em Buenos Aires uma revista quinzenal e uma coletânea de livros.

A revista *Documentos del Progreso* é quinzenal e seu primeiro número é datado de Buenos Aires, 1º de agosto de 1919. No seu sumário constam artigos de Maximo Gorki, Jacques Sadoul, Anatole France, Henry Barbusse, Gregorio Jarros, A. Lorient; e seções denominadas de “La obra construtiva en Rússia” e “La intervención aliada en Rússia”. Nos números seguintes, todos centrados sobre a Rússia ou sobre o movimento revolucionário mundial, temos artigos de Lenin, Trotski, Radek, Arthur Ransome, Bukharin, Ernest Lafont, Zinoviev, P. Stutchka, Charles Rappoport, além de material sobre a IC, a ISV etc. O seu último número é de 15 de junho de 1921.

A Editorial La Internacional, responsável pela *Documentos del Progreso*, publica a seguinte relação de livros entre 1920 e 1921: *La revolución proletaria y el renegado Kautski*, de Nicolas Lenin; *El advenimiento del bolchevismo*, de Leon Trotski; *El “radicalismo”, enfermedad de infancia del comunismo*, de Lenin<sup>15</sup>; *La Internacional 2 1/2*, de Karl Radek; *Los socialistas y el Estado*, *Las enseñanzas de la Comuna de Paris*, *La sociedad comunista*, *La lucha por el pan*, todos de Lenin; *De la Revolution*, de Zinoviev e Lenin; *Manifiesto Comunista*, de

15 Existe outra tradução: LENIN, Nicolas. *El radicalismo, enfermedad de infancia del comunismo*. Tradução de M. Iarochovski e S. Schejmborg da edição alemã, do Secretariado da Internacional Comunista para os Países Ocidentais, Leipzig, 1920. Buenos Aires, 1920. A edição da Editorial La Internacional também é traduzida do alemão por Juan Braun. De 1920, da Editorial Artigas, é também *El Estado y la revolución proletaria: enseñanzas marxistas acerca del Estado y la obra del proletariado en la revolución*, de N. Lenin. A tradução é de N. Tassin, que, por sua vez, escreve ensaio pessoal sobre Lenin. A edição é reprodução daquela publicada por Biblioteca Nueva, Madrid.

Marx e Engels; *Las enseñanzas de las revoluciones*, de Henri Barbusse; *La Revolución y la muerte*, de Raymond Lefebvre; *Las batallas revolucionarias de Alemania*, de Clara Zetkin; *Ditadura proletaria y reformismo*, de Juan Greco; *Constitución de la R. F. de los soviets de Rússia*; *Hacia una sociedad de productores*; *Lenine*, de Zinoviev; *El internacionalismo obrero en las luchas económicas*, de A. Losovski; *Cartas a un obrero*, de R. Suárez; *El desarrollo de la revolución mundial*, de C. Radek; *Teses y resoluciones del Tercero Congreso de la Internacional Comunista*; *Impresiones de un viaje a la Rusia soviética*, de A. Alexandrovski; *Dos cartas a Romain Rolland* e *Una obra gigantesca cumplida por gigantes* (carta dirigida a Jean Longuet), ambos do capitão Jacques Sadoul.

Todos eles aparecem sob a responsabilidade de Publicación Oficial de la Internacional Comunista (Sección Argentina). Desta maneira, a IC funciona num país do Terceiro Mundo, pioneiricamente, porque o PC argentino, fundado precocemente em 1918, é capaz de se organizar e se irradiar imediatamente, o que permite que se forme o primeiro foco marxista na América Latina e de onde, sem dúvida alguma, se irradia pelo Brasil.

As fontes marxistas na época da fundação do PCB (março de 1922) são, assim, variadas. Elas se baseiam em literatura vinda da Rússia, ou difundidas através de edições soviéticas, mas impressas na Suíça, em francês, ou ainda no material argentino. Mas, se as publicações da IC e ISV ainda continuam por muito tempo a serem impressas em Moscou e Berlim (até 1926), as literaturas analítica e geral vão encontrar, num segundo momento, editoras francesas que irão difundir-las. Repetindo, as primeiras edições dos livros de Lenin, Trotski, ou o material sobre o Primeiro, Segundo e Terceiro Congressos da IC, ou as informações jornalísticas sobre a Rússia soviética etc., são editadas na Rússia e em francês – e também em inglês, alemão etc. (fato esse que não tem relação com o nosso caso). Ao redor dos anos 1920, todavia, esta literatura teórica e circunstancial começa a ser composta na própria França.

Pelas ligações que serão feitas adiante, veremos que o grosso das publicações brasileiras, levantadas na parte bibliográfica, estão intrinsecamente presas ao movimento editorial francês, que surge a partir do início da década de 1920. Natural que o levantamento que iremos descrever é bem mais amplo do que o brasileiro, mas ele servirá

de nossa matriz. Mesmo que haja casos que não se incluam neste processo, eles são exceções que não infirmam a regra.

São várias as editoras francesas que publicam livros sobre questões sociais antes da Primeira Guerra Mundial. A Girard et Brière, a Felix Alcan, a Marcel Rivière, a Stock, a Schleicher Frères, a Librairie du Travail, a Librairie de "l'Humanité" etc. Muitas delas vão desaparecer com o conflito armado, outras deixam de ter a importância que tinham, umas poucas mantêm sua posição editorial. Sem querer fazer análise exaustiva, temos de dizer que a Librairie du Travail é uma das poucas que continua a manter o bom nível de publicação anterior à guerra e edita a nova corrente de marxistas russos. Ela é de tendência sindicalista e publica alguns escritos de Trotski, como *Les problèmes de la guerre civile* e *Lenine*; e de Victor Serge aparecem *L'an I de la Révolution Russe*, *La ville en danger*, *Les coulisses d'une sûreté générale*; C. Talès, *La Commune de 1871*, os documentos secretos dos arquivos russos, entre outras coisas. E, seguindo a sua linha editorial, publica os 19 livros da série intitulada Petite Bibliothèque de l'Internationale Syndicale Rouge, aparecidos de 1921 a 1925. A Librairie de "l'Humanité" está ligada ao jornal *L'Humanité*, fundado por Jean Jaurès, e de órgão do Partido Socialista passa a ser órgão oficial do Partido Comunista Francês. Desta maneira, cabe ao PCF dirigir a primeira grande editora comunista do mundo latino, que funciona de 1920 a 1925. E por ela sai uma série variada de coleções e obras avulsas. Pela primeira vez aparecem boas traduções de Lenin, Trotski, E. Varga, Zinoviev, Molotov, Stalin, Rosa Luxemburgo, Z. Leder, Clara Zetkin, A. Kolontai, A. Ransome, Otto Bauer, M. Gorki, e também o material da IC. Ao mesmo tempo, temos os originais franceses de Guilbeaux, Romain Rolland, Cachin, Charles Rappoport, Jean Jaurès, Marthe Bigot etc. Algumas dezenas destes livros estão incluídas na Bibliothèque Communiste, outras dezenas na Petite Bibliothèque Communiste.

Nesse momento, já existe maciça hegemonia das publicações feitas na França. Mas, por outras razões, abre-se agora uma nova fase editorial, que começa em 1926 e será acompanhada de modificações organizatórias e editoriais. O problema não está ligado à tendência da bolchevização dos partidos comunistas (que começa em 1924 e vai até 1927), mas a outras questões complexas. De qualquer maneira, o novo instante se caracteriza pela impressão das revistas da IC e da ISV em Paris. E pelo abandono de uma editora ligada ao PCF - Librairie de

"l'Humanité" - e o aparecimento de duas grandes novas casas publicadoras, que irão marcar profundamente todo o mundo comunista latino: a oficial, Bureau d'Éditions, e a oficiosa, Éditions Sociales Internationales.

O Bureau d'Éditions vai ser responsável por um número imenso de obras, que abrangem os anos de 1926 a 1940. Ele herda os livros publicados pela Librairie de "l'Humanité", e publica novas obras dos teóricos do marxismo-leninismo. Assim, saem várias obras inéditas de Lenin, começam a aparecer novos trabalhos de Stalin, de O. Piatnitski, de A. Rikov, de Kolontai. O acento da editora se faz em torno do que chamam de "questão de organização". Organização é sinônimo de ensino teórico e prático do movimento sindical, de história e de problemas do sindicalismo, de organização do partido, de luta contra os desvios oportunistas etc. Desta maneira, é traduzida, principalmente do russo, uma série de brochuras que tratam do trabalho na Rússia, da situação interior da Rússia soviética, sua política exterior, os seguros sociais na Rússia, como o poder soviético realiza a democracia, a proteção ao trabalho, o problema do poder dos soviets etc. Outra série é Episódios e Vidas Revolucionárias, que retrata as biografias e os feitos dos revolucionários russos. Dessa maneira, a característica fundamental da editora é a de sublinhar a questão da formação de quadros, a de mostrar a experiência de organização - do Estado soviético e de seu partido, com exemplos de outros países, como a Alemanha, a França etc. -, a de insistir sobre a história e a organização sindical, a de divulgar o pensamento de alguns líderes do marxismo e a de analisar a história dos diversos partidos comunistas e dos social-democratas (porque há constante crítica à social-democracia que vem da Segunda Internacional).

De outro estilo é a oficiosa Éditions Sociales Internationales. É editora de obras selecionadas, de coleções de debates, voltadas para temas políticos e filosóficos. A sua famosa Bibliothèque Marxiste, modelo que será copiado por editores de outros países, edita uma série de grandes obras: *Marx et Engels*, de D. Riazanov (nº 1); *Les questions fondamentales du marxisme*, de G. V. Plekhanov (nº 2); *La théorie du matérialisme historique* e *L'économie mondiale et l'imperialisme*, de Bukharin (nºs 3 e 4); *Marx, homme, penseur et révolutionnaire*, de Riazanov (nº 6); *Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte*, *Lettres à Kugelmann*, *Les luttes des classes en France*, *Travail salarié et*

*capital suivi de salaires, Prix et profits*, todos de K. Marx (nºs 5, 11, 14, 22); *La guerre des paysans en Allemagne, Révolution et contre-révolution en Allemagne*, de Engels (nºs 10 e 21); *La maladie infantile du communisme, L'imperialisme, stade suprême du capitalisme*, Marx, Engels, marxisme, de Lenin (nºs 12, 18, 20); *Études philosophiques*, de Marx e Engels (nº 19); *La question du leninisme et la Révolution d'Octobre*; *Le marxisme et la question national et coloniale de Stalin* (nºs 13, 17 e 24); *Reforme et révolution*, de Rosa Luxemburgo (nº 15); *Précis d'économie politique*, de Lapidus et Ostrovitianov (nº 8); *Principes d'économie politique*, de L. Segal (nº 23); *Une époque du mouvement ouvrier anglais*, de Thomas A. Rothstein (nº 7); *Théoricien du marxisme*, de Paul Lafargue (nº 16).

Esta série clássica é acompanhada de outra, que é a famosa Collection Problèmes: nela saem *L'origine de la religion*, de Lucien Henri (pseudônimo de Charles Hainchelin); *L'origine des mondes*, de Paul Laberrenne; *Biologie et marxisme*, de Marcel Prenant; *La crise sexuelle*, de W. Reich; *La race, mythe et vérité*, de Th. Balk; *L'éducation bourgeoise et l'éducation prolétarienne*, de E. Hoernlé; *Louis David*, de A. Humbert; *Problèmes du machinisme*, de G. Friedman; *L'Allemagne, champ de manoeuvre*, de S. Erckner; *La naissance de l'armée nationale (1789-1794)*, de Jules Leverrier; *Coblence (1789-1792)*, de H. Chassagne; etc.

Outra coleção de grande repercussão é a Socialisme et Culture. Cada volume é escrito por um especialista e, além da introdução, temos longa seleção de textos dos clássicos do socialismo e do pensamento progressista. Dela fazem parte *Diderot*, de I. K. Luppel, um dos grandes filósofos russos; *Les materialistes de l'antiquité (Democrite, Épicure, Lucrèce)*, de Paul Nizan; *Cervantes*, de Jean Cassou; *Fourier*, de F. Armand et R. Maublanc; *Darwin*, de Marcel Prenant; *Nietzsche*, de Henri Lefebvre; *Proudhon*, de Armand Cuvillier; *Diderot*, de Jean Luc; *Heine*, de Edmond Vermeil.

De maneira avulsa, saem pela Édition Sociales Internationales: *A la lumière du marxisme*, curso proferido por marxistas franceses em 1934-1935, tratando do materialismo histórico, materialismo dialético, de Proudhon, de Augusto Comte etc.; *Critiques littéraires*, de Paul Lafargue, livros sobre a Revolução Francesa. E pela coleção Les Grands Textes du Marxisme, *Sur la religion*, de Lucien Henry, *Sur la littérature et l'art*, de Jean Freville (em dois volumes, o primeiro com textos de Marx e Engels e o segundo, de Lenin e Stalin).

A série "Horizons", dedicada a romances, publica o melhor da "literatura proletária" russa e estrangeira: temos *La semaine*, de E. Lebedinski; *Le ciment*, de F. Gladkov; *La défaite*, de A. Fadeev; *Tchapaiev*, de D. Fourmanov; *Juifs sans argent*, de Michael Gold; *Faubourgs*, de L. Bourgeois; *Le torrent du fer*, de A. Serafimovitch; *Le tourbillon*, de A. Demidov; *Le talon de fer*, de Jack London; *La mère*, de M. Gorki; *Energie*, de F. Gladkov; *Le quartier sans soleil*, de N. Tokounaga; *Nous que avons faim*, de Roy-Six; *J'aime*, de Arsène Adveenko; *Il était une mine*, de René Garmy; etc.

Outro ponto alto da editora é a publicação das *Obras completas* de Lenin. Programada para ser em 40 volumes, aparecem unicamente 13 volumes. É tradução feita da segunda edição das *Obras completas* russa, que é preciosa por suas introduções históricas, notas e anexos, o que a torna fonte precisa. Sabe-se que a partir da terceira edição russa - hoje traduzida em uma série de países - deixam de existir todos os adendos complementares. A Éditions Sociales Internationales (ESI) representa o ponto alto do movimento editorial marxista até a Segunda Guerra Mundial. Suas edições abrangem temas os mais variados e é o primeiro momento de elaboração de um pensamento marxista próprio, de autoria de pensadores franceses. Dentro de certos limites, pode-se dizer que ao redor da ESI forma-se uma plêiade de intelectuais jovens que procuram interpretar o materialismo dialético e traduzi-lo como "concepção de mundo". O esforço se aplica ao estudo das relações entre ciências humanas e ideologia (Lucien Henri, Coleção Socialisme et Culture), ao processo histórico (os estudos sobre movimento operário, Revolução Francesa), à compreensão do marxismo (Curso sobre marxismo, *Sur la littérature* e *Sur la religion*), a uma visão mais larga da obra dos marxistas (Plekhanov, R. Luxemburgo, Marx, Engels, Lenin, Stalin), à publicação de clássicos da Economia Política (Lapidus e Ostrovitianov, Segal), ao aprofundamento das análises ideológicas e de suas relações com as ciências naturais (Paul Laberrenne, Marcel Cohen, Jean Langevin).

Numa análise breve, podemos dizer que a linha editorial da ESI é que abre novas perspectivas filosóficas e políticas aos militantes da década de 1920 e principalmente de 1930, apesar da reação stalinista. Mesmo assim, ela representa uma "janela aberta" ao mundo da polêmica e do debate; uma abertura de temáticas novas, que terão importância fundamental na nova geração comunista de língua latina

– entre eles o Brasil. Os nomes de Jean Baby, Marcel Cohen, Georges Friedman, Paul Laberrenne, Lucien Henry, Jean Langevin, Henri Mineur, Charles Parain, Marcel Prenant, Aurelien Sauvageot, Auguste Cornu, Armand Cuvillier, Lucy Prenant, Georges Politzer, Paul Nizan, na maioria desconhecidos até então, afirmam-se cada vez mais como grandes especialistas do marxismo. E o traço mais importante desta influência é o fato de que a linha da ESI irá marcar boa parte das editoras da Espanha, do México e do Brasil.

Essa visão mais humanística do marxismo se completa no universo do movimento comunista, com as linhas editoriais do Bureau d'Éditions e da sua antecessora, a Librairie de "l'Humanité". As duas últimas voltam-se para publicações sobre organização, ideologia partidária, crítica aos movimentos operários não-comunistas, a ameaça do imperialismo etc. Estes problemas táticos e estratégicos são fundamentais, porque fundamental é a luta contra a burguesia rapina e imperialista, a afirmação das vitórias comunistas na Rússia, a consolidação do movimento operário no mundo. Daí as tarefas práticas e as tarefas ideológicas fazerem parte de um todo, o que aparece distribuído nos diversos campos editoriais citados.

Essa linha editorial, orientada pela IC e pelo Partido Comunista Francês, não é a única a existir na França. A própria Librairie du Travail continua a publicar trabalhos sobre a questão sindical. A Rieder faz sair boa parte dos recentes livros de Trotski, depois que este é expulso da Rússia. Pela Marcel Rivière, temos autores marxistas não-ortodoxos. A Felix Alcan edita teses universitárias sobre marxismo, como o *Karl Marx* de Auguste Cornu. E pela própria Gallimard saem, por exemplo, o *Morceaux choisis*, de Marx, aos cuidados de N. Gutermann e H. Lefebvre, e *Les cahiers philosophiques*, de Lenin.

Nessa fase entre as duas guerras mundiais temos um caso particular, que é o de uma editora que programa as *Oeuvres complètes* de Marx e as *Oeuvres complètes* de Engels. O projeto não se concretiza totalmente, mas pela primeira vez é publicada na França uma série de obras inéditas de ambos. A editora é a Alfred Costes, sucessora da Librairie Schleicher, que vinha do fim do século XIX. O editor confia a tradução a Bracke (A. M. Desrousseux), cujo trabalho, segundo os entendidos, merece graves críticas. De qualquer maneira, o público de língua latina pode manusear, pela primeira vez, a *Correspondance Marx-Engels* (edição A. Bebel e E. Bernstein), da qual saíram unicamente

nove volumes (1844-1863); as *Oeuvres philosophiques*, de Marx e Engels, em nove volumes, contendo uma série de textos inéditos, ao lado de outros já conhecidos na França; a edição do *Manifeste Communiste*, com introdução de Riazanov; as *Oeuvres politiques*, em oito volumes, edição Riazanov de 1916; os quatro livros de *O Capital*; a *Correspondance Fr. Engels-K. Marx et divers*, publicada por F. A. Sorge (1867-1895); e uma série de outros livros aparecidos em outras edições: *La guerre des paysans*, *L'origine de la famille...*, *Révolution et contre-révolution en Allemagne*, *Notes sur la guerre de 1870-1871*, *La situation de la classe ouvrière en Anglaterra*, *Anti-Dühring*, todos de Engels; *Herr Vogt*, *Misère de la philosophie* (o original é em francês), *Karl Marx devant les jurés de Cologne*, *Révelations sur le procès des communistes*, todos de Marx.

A avalanche editorial francesa é, como dissemos, a grande fonte do nosso conhecimento sobre a Rússia, o marxismo etc. E ela é também a responsável pela formação de toda uma geração de comunistas nos países de língua latina. Outra conseqüência desta hegemonia é a de que ela servirá de orientação bibliográfica para a maioria dos editores de línguas espanhola e portuguesa. Se fizermos um levantamento das casas publicadoras de Espanha<sup>16</sup>, Brasil, México etc., constataremos facilmente que a escolha dos autores coincide com a linha editorial francesa. Com a tradução se dá o mesmo, pois, no Brasil, o mais comum é verter-se da edição francesa, e não dos originais russo, inglês, alemão etc.

A hegemonia editorial gaulesa não invalida a existência de difusão em outras línguas. O que nos interessa são as correntes que marcaram o leitor e o militante brasileiro e, por isto, não podemos ignorar as outras fontes que marcaram o nosso movimento de esquerda. A Espanha, apesar de ser manancial secundário, marca-nos desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Não vai se dar o mesmo com a Itália e Portugal, não só porque esses países irão passar por processos políticos particulares<sup>17</sup>, mas também porque o número de originais marxistas e as traduções aparecidas são de pequena monta. Mesmo que alguns livros de Portugal ou da Itália tenham chegado a nós, não representam peso dentro do contexto geral analisado. Com a Espanha o processo é outro.

16 Existe também entre a elite intelectual espanhola grande influência alemã.

17 As ditaduras de Mussolini e de Salazar.

Até a Primeira Guerra Mundial, Espanha e Portugal tiveram número razoável de publicações anarquistas, sindicalistas, socialistas etc. Só que o movimento editorial espanhol era muito superior ao português, em número de obras e em variedade temática. Portugal publicara uma única obra de Marx e muito poucas de seus discípulos, enquanto na Espanha é grande o número destas traduções. Na verdade, a Espanha é centro cultural mais inquieto e desenvolvido, e a sua elite intelectual se liga não só à cultura francesa, mas à alemã e à inglesa. Por sua vez, há contínuo contato entre o movimento operário espanhol e o europeu em geral, como no período da Primeira Internacional e, principalmente, da Segunda Internacional. Daí o conhecimento e a difusão, na Espanha, da literatura marxista em geral. A tradição não se interrompe com a guerra; ao contrário, se consolida, pois é grande o número de militantes espanhóis que vão à Rússia nesses primeiros anos de revolução, ou que conhecem o russo e o alemão e que traduzem ou publicam relatos sobre a revolução e o bolchevismo.

Como vimos, até 1917 domina, na Europa, a literatura social-democrata. E na Espanha, nesse mesmo ano, temos publicados livros de Plekhanov, Jaurès, Cesar de Paepe etc. Em 1918, aparecem unicamente duas obras de Marx e Engels. Em 1919, os únicos editados são Bukharin, Lenin e Trotski, totalizando oito obras. A partir de então, começa a hegemonia editorial bolchevique e a total derrocada da literatura marxista de antes da guerra. O que aparece é um ou outro livro de Henri de Man, de Kautski etc.; o resto, maciçamente, é Marx, Engels, Lenin, Trotski, Stalin, Togliatti, Bebel, Adoratski, Dimitrov, Litvinov, Losovski, Lang, Manuilski, Varga, Iarolavski, Bukharin, Zetkin.

A Biblioteca Nueva é uma das pioneiras do marxismo na década de 1920, e é responsável por uma série de livros: Lenin, *El Estado y la revolución proletaria*; N. Tasin, *La ditadura del proletariado (Segun Carlos Marx, F. Engels, Carlos Kautski, N. Lenin Otto Bauer y otros)*; Carlos Pereyra, *La Tercera Internacional*; Maximo Gorky, *De la era bolchevista*; Carlos Kautski, *Terrorismo y comunismo*; Rusia, *legislación bolchevique*; Lenin, *Ideário bolchevista*; Trotski, *El triunfo del bolchevismo (ed. de 1919 e 1920)*; Lenin, *El capitalismo de Estado y el impuesto en especie*; Lenin, *El comunismo de izquierdas*; Kerenski, *El bolchevismo y su obra*; Sofia Casanova, *La revolución bolchevista (diario de un testigo)*. Todos são de 1919 a 1922. Nos anos seguintes, aparece um sem-número de pequenas editoras voltadas exclusivamente para a propagação de uma literatura

de combate, sendo a principal a Biblioteca Internacional que, entre 1923 e 1926, edita Trotski, Lenin, Radek, Stalin, Bebel e Zinoviev, Marx e Engels, ao todo 20 obras.

Aparecem cada vez mais traduções, centradas em grande número de pequenas editoras. É tardiamente que aparecem duas grandes casas publicadoras, ligadas ao Partido Comunista espanhol, que são a Europa-América e a Cenit. Como nos casos do Bureau d'Éditions e da Éditions Sociales Internationales, a primeira está voltada para a literatura de organização e de teoria bolchevique, enquanto a outra dedica-se a programa mais cultural e com sentido menos radical. A Europa-América começa em 1933 e vai até 1938, quase no fim da Guerra Civil. Além de Marx e Engels, de Lenin e Stalin, que saem abundantemente em várias edições, temos toda aquela literatura política e circunstancial dominante na época. É Piãtnitski, Dimitrov, Iarolavski, Molotov, Togliatti, Van Min, Vorochilov, Krilenko, Kirov, Kalinin, Losovski etc., a [literatura] que trata da Terceira IC, do fascismo, da organização revolucionária<sup>18</sup>.

A Cenit, por sua vez, é de 1929 e volta-se para o campo cultural e ideológico. Como a ESI, ela tem série ideológica onde inclui Bukharin, *La economía mundial y el imperialismo* e *El materialismo histórico*; Duncker, *Diez lecciones marxistas de economía política e Seis lecciones marxistas de historia del movimiento obrero*; Engels, *Anti-Dühring*; Marx, *La guerra de campesinos*; Kautski, *La cuestión agraria*; Lassale, *Qué es una Constitución?*; Lenin, *Cartas intimas, La Revolución de 1917*; K. Liebknecht, *Cartas del frente y de la prisión*; Lissagaray, *Historia de la Comuna de Paris*; Luxemburgo, *La acumulación del capital, Cartas de la prisión*; Manuilski, *Los "socialistas", la democracia, el fascismo y el frente unico*; Marx, *El Capital, libro I, La Revolución Española*; Marx-Engels, *Manifiesto del Partido Comunista*; Mehring, *Carlos Marx, 1864-1866: Marx y los primeros tiempos de la Internacional*; Plekhanov, *El arte y la vida social*; Radek, *El porqué del fascismo*; Stalin, *Balance del Primer Plan Quinquenal, Estrategia y tecnica de la Revolución, Que es lucha del proletariado?, La teoria de la revolución proletaria*; Trotski, *Historia de la Revolución Rusa, Mi vida, La revolución desfigurada, La revolución permanente, Recuerdos sobre Lenin*.

<sup>18</sup> Alexandre Vieira afirma que trabalhava nas Ediciones Europa-América, "livraria que editava obras destinadas às repúblicas sul-americanas". VIEIRA, A. *Delegacia a um congresso sindical*. Lisboa: [s. n.], 1960. p. 120.

Ao lado desta série, que pela variedade de autores mostra sua tendência liberal, a Cenit volta-se também para um outro tipo de literatura marxista, como o do romance, do teatro, da crítica literária, da história etc... Na coleção "Novelistas Novos", temos *Mi madre e Mi madre y yo a través de la Revolución China*, de Cheng Tcheng; *Manhattan Transfer*, de John dos Passos; *Babbitt*, de Sinclair Lewis; *A diestra y siniestra*, de Joseph Roth; e mais Panait Istrati (Mijail) e Sherwood Anderson, Ferreira de Castro (Emigrantes). Em "Novelas de Guerra", temos *Los que teníamos doce años*, de Ernest Glaeser; *Cuatro de infanteria*, de Ernest Johansen; *El fuego*, de H. Barbusse; *Los generales mueren en la cama*, de Charles Yale Harrison. Em "Novelas Proletárias", *El cemento*, de F. Gladkov; *El desfalco*, de V. Kataev; *El delator*, de Liam O'Flaherty; *Schkid, la republica de los vagabundos*, de Belyk y PanTelev; *Un patriota 100 por 100*, de Upton Sinclair; *El torriente de hierro*, de A. Serafimovitch; *Sobre el don apacible*, de Cholokhov; *Judios sen dinero*, de M. Gold. A parte sobre "Teatro Político" inclui o trabalho clássico de Erwin Piscator, *El teatro político*, e peças de Romain Rolland, em *Teatro de la Revolución*.

A Segunda Guerra Mundial interrompe o processo descrito até agora, que é predominantemente francês e secundariamente espanhol, e que se caracteriza por alguns traços particulares, que desaparecem em parte depois de 1945. Como vimos, este processo toma as primeiras formas a partir de 1918, passa por fase intermediária entre 1918-1920, para finalmente se desmanchar em diversos fragmentos até a Segunda Guerra Mundial. Sua existência é curta, cheia de vicissitudes e lições.

O processo se caracteriza:

- 1) Pelo rompimento praticamente definitivo com a herança da Segunda Internacional;
- 2) a ligação entre a Terceira IC e a literatura marxista difundida no exterior (via Petrogrado, Genebra e Paris);
- 3) o grande centro dinâmico da difusão literária marxista são os partidos comunistas, apesar de haver grande número de editoras independentes;
- 4) o Brasil foge a esta regra quase geral, por razões que iremos explicar adiante;
- 5) apesar da dominância de publicações de literatura organizatória, de caráter rígido e estreito, há difusão de corrente mais liberal, aberta e polêmica;

6) a influência renovadora do Instituto Marx-Engels [IM-E], de Moscou (1920), ainda não se faz sentir, não tendo sido publicada nenhuma edição crítica de sua responsabilidade;

7) há pequeno avanço na editoração das obras de Marx e Engels, com reedições de livros esgotados antes da Primeira Guerra Mundial, e publicações de alguns inéditos em francês (as traduções não são feitas através das edições do IM-E, mas sim das edições alemãs publicadas antes Primeira Guerra Mundial, que foram muitas vezes expurgadas pelos seus organizadores. Exemplos: *Lettres à Sorge*, *Lettres à Kugelman*, *Correspondence Marx-Engels*)<sup>19</sup>;

8) a publicação das obras de Marx-Engels, mesmo tendo avançado neste período, continua a ser limitada, pois nem os livros II, III e IV de *O Capital* mereceram novas traduções, mais cuidadas e cotejadas com edições mais recentes e mais confiáveis;

9) apesar de a obra de Lenin ser bastante difundida, conhece-se parte reduzida de seus escritos, pois a prometida *Obras completas* sai em ritmo bastante desanimador;

10) nesta fase, grupo de filósofos e pensadores franceses tenta atualizar o marxismo, procurando dinamizar a sua "visão do mundo". O esforço se faz independentemente de outras elaborações marxistas, como as de Lukács, de Gramsci etc., que, por razões que não interessam aqui, ainda não se irradiaram no mundo latino;

11) afinal, limitado ou não, dialético ou escolástico, o marxismo difundido pela Terceira IC torna-se a filosofia de vanguarda do movimento operário de todo o mundo. E, pela primeira vez, a filosofia marxista se universaliza, sendo conhecida em todos os continentes.

A Segunda Guerra Mundial inverte, em parte, esta tendência anterior. Com o início da guerra, em 1939, deixa de haver o grande afluxo de livros estrangeiros ao Brasil, fato que não se dera totalmente com o Estado Novo, pois, nestes primeiros anos de ditadura, várias livrarias ainda recebiam os escritos de Marx e Engels, o *Cahiers sur la dialectique* de Hegel, de Lenin etc. Mas a partir de um certo momento, as dificuldades do conflito não permitiram mais a cabotagem de

19 A *Correspondência Marx-Engels*, organizada por A. Bebel e E. Bernstein, é expurgada em inúmeros trechos, por razões políticas do momento ou porque as cartas se referem, criticamente, a personalidades vivas.

mercadorias civis, o que estanca praticamente o comércio de livros europeus. E ele deixa de existir totalmente depois da tomada de Paris pelos alemães, em 1940. Ao lado destes fatores, temos de lembrar que, com a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a vitória de Franco, deixam de ser publicados livros marxistas naquele país. Assim, as correntes de nossa cultura se interrompem de uma hora para outra. No entanto, surgem outras fontes, que repisam grande parte dos valores anteriores, ao mesmo tempo que inovam a nossa herança literária.

Cabe ao México servir de primeiro elo entre esse passado recente e o momento histórico do conflito mundial. Nesses mesmos anos, a Argentina e o Chile vão ser outras fontes de editoração de literatura marxista, que também acaba chegando até nós, apesar da ditadura getulista. Mas, de todos, o México é o mais importante.

Fugindo da Guerra Civil Espanhola, um grupo de intelectuais dirige-se ao México, enquanto outros vão para a Argentina. Os primeiros associam-se ao Fondo de Cultura Económica (FCE), existente desde 1935, imprimindo-lhe um novo dinamismo. Como dissemos atrás, os espanhóis, além da influência francesa, sofreram os efeitos da cultura inglesa e da alemã. Desta maneira, desde seu início, o FCE publica os grandes economistas e os grandes teóricos políticos ingleses e alemães praticamente marginalizados da tradição francesa. Limitando-nos ao nosso campo, saem *Karl Marx*, de Harold Laski, *Las origines del capitalismo moderno*, de Henri Sée, *Dos hombres (Marx y Fourier)*, de Anibal Ponce, *El liberalismo europeo*, de Harold Laski, *Naturaleza de las crises*, de John Strachey, *Raza y racismo*, de Marcel Prenant. Por ela são editados os livros da Collection Socialisme et Culture (da ESI): *Proudhon*, de A. Cuvillier, *Fourier*, de J. Armand e R. Manblanc, *Diderot*, de Luppel e J. Luc (dois volumes). De importância fundamental nesses anos é a reedição de *El Capital*, livros I, II e III e a publicação, pela primeira vez em espanhol, do Livro IV, todos eles devidos a Wenceslau Rocés. Traduzido da recente edição do Instituto Marx-Engels-Lenin (é o novo nome do IM-E), o Livro IV se intitula de seu verdadeiro nome, *Historia crítica de la teoría de la plusvalía*, e não como o denominava Kautski, *História das doutrinas econômicas*.

A Ediciones Frente Cultural volta-se inteiramente para as publicações de esquerda: pela primeira vez aparece um clássico de Karl Kautski, que é *El cristianismo, sus origines y fundamentos*. Outro livro inédito e de grande repercussão no Brasil é o de Alberto Pinkevich,

*Las modernas teorías pedagógicas y la nueva educación en la URSS*. Ela publica *Introducción a la filosofía do materialismo dialéctico*, de Marx, Engels e Lewis, *Orígenes de la religión*, de Lucien Henry, *Principios de economía política*, de Luis Segal, *Tratado sistemático de filosofía*, de M. Shirokov, *Anti-Dühring*, de F. Engels, *Sobre literatura y el arte*, de Marx e Engels, *La concepción materialista de la historia*, de G. Plekhanov, *Economía política*, de A. Leontiev, *La guerra y la humanidad*, de N. Lenin, *Origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*, de F. Engels, *El Capital*, tradução de Juan V. Justo, *Historia de la época del capitalismo industrial*, de A. Efimov e N. Freiberg.

A Editorial Claridad é argentina e é da década de 1920. Na década seguinte, ela se difunde muito entre nós, momento em que lança seus *Manuales de Cultura Marxista*, que contém livros de marxistas argentinos e estrangeiros. *El Manifiesto Comunista*, de Marx e Engels, *El Capital*, de Marx, *Las cuestiones fundamentales del marxismo*, de G. Plekhanov, *Origen de la familia...*, de Engels, *Socialismo utópico y socialismo científico*, de Engels, *El marxismo y el proceso del fascismo*, de Lenin e Filipe Turati, *La revolución sexual e Comunismo y matrimonio*, de Hildegart e Riazanov, *El marxismo y el arte*, de M. Casanovas, A. Lunatcharski e J. Becher, *El camino del poder*, de K. Kautski, *Que hacer?*, de Lenin, *El XVIII Brumario*, de Marx, *Dogma socialista*, de Esteban Echeverría, *La conquista del poder*, de Benedito Marianetti, *El marxismo y la actualidad política e Marxismo 1933*, de Julian Besteiro e Aquiles Rossi, *El derrumbe del socialismo alemán y el ejemplo alemán*, de Luis Araquistain y Emanuel Suda, *Marx y los sindicatos*, de A. Losovski, *Carlos Marx*, de Franz Mehring, *Luchas sociales en la Antigua Roma*, de Leon Bloch, *La tragedia biológica y social de la mujer*, de A. W. Nemilow, *El militarismo y la guerra*, de José Ingenieros, *La mujer nueva y la moral sexual*, de Alexandra Kolontay, *México de frente y del perfil*, de Tristán Marof, *La tragedia del Altiplano*, de Tristán Marof, *Doctrinas y descubrimientos*, de Florentino Ameghino, *El socialismo argentino y las reformas penales*, de Alfredo L. Palacios. A Claridad também publica romances, como *Post-guerra*, de Ludwig Renn, *Citroën e Fabrica de sueños*, de E. Ehreburg, *La vorágine*, de José Eustasio Rivera, *La defensa del valor humano*, de Alfredo Palacios. Esta mesma editora publica dois livros de brasileiros: de Jorge Amado, *Vida de Luiz Carlos Prestes: el caballero de la esperanza*, e de Pedro Mota Lima e José Barboza Melo, *El nazismo en el Brasil*.

Outra fonte que chega até nós são as publicações chilenas da Ercilla e da Zig-Zag. Como se sabe, os chilenos, não tendo assinado a Convenção Internacional sobre Direitos Autorais, não pagavam o devido a nenhum autor estrangeiro; além disso, editavam seus livros em papel jornal e mal-impressos, o que tornava seu produto mais barato no mercado. Em 1941 e 1942, chegam ao Brasil milhares de toneladas de livros, incluindo romances, livros de política etc. Por esta razão, existe no mercado, por muito tempo, o *El materialismo historico*, de Bukharin, *Los crimes de Stalin*, de L. Trotski, *Su moral y la nuestra*, de L. Trotski, *El materialismo militante*, de G. Plekhanov, o *Anti-Dühring*, de Engels, *De la Santa Rusia a la URSS*, de Georges Friedman, *Dialetica y determinismo*, de Luiz Alberto Sanchez, *Miseria de la dialectica*, de G. Nicolai, *Origenes y sentido del comunismo ruso*, de N. Berdaiev, *Donde va la America Latina?*, de Haya de la Torre.

Esta fase transitória, que dura os anos de guerra e se prolonga um pouco depois de 1945, caracteriza-se por reproduzir parte do que se editara antes e, secundariamente, apresentar alguns elementos novos. Cabe ao Fondo de Cultura Economica tornar-se sensível às influências alemã e inglesa, fato que irá se acentuar posteriormente; e cabe à Editorial Claridad a publicação de pensadores latino-americanos, como o romancista Rivera, o marxista Tristán Marof, Alfredo Palacios. O importante, no entanto, é que as diversas fontes latino-americanas representaram também continuidade do processo que fôra abalado pela guerra. Para as velhas e as novas gerações de brasileiros, ávidos deste tipo de material, os livros latino-americanos foram fontes primordiais neste momento trágico da guerra e da ditadura do Estado Novo.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, abre-se a terceira fase desse processo que estamos analisando. No que trata das influências que nos vêm de fora, continuamos as nossas relações culturais com o México - dominando as atividades da FCE -, mas o que volta a preponderar é a influência da França. Mesmo com o fim da Terceira Internacional Comunista (extinta em 1943), os partidos comunistas continuam com suas vinculações culturais com a Rússia, voltando a imperar parte da herança de antes da guerra.

Depois de 1945, parte das antigas editoras gaulesas volta a funcionar, outras desaparecem. A Alfred Coste, responsável pela publicação das *Oeuvres complètes* de Karl Marx e de Friedrich Engels, dura até a década de 1950 e depois se extingue. A Rieder, que pública

Trotski e romancistas russos, é absorvida pela Presses Universitaires de France. A PUF reedita algumas obras de esquerda, pertencentes ao acervo da Rieder e da Felix Alcan, também absorvida por ela. A Librairie du Travail desaparece. Em compensação, a Bernard Grasset, a Armand Colin, a Payot, a Seuil, a Gallimard etc., editam e reeditam grande número de livros sobre a Rússia, o bolchevismo, o comunismo. Seria impossível listar todas elas, mas algumas se caracterizam por defender posições ortodoxas, outras apresentam aspectos polêmicos de crítica. Entretanto, estas editoras voltam-se marginalmente para o tema marxista, ao contrário da Maspero, que nasce no fim do período que estudamos e ocupa-se unicamente de literatura marxista não-ortodoxa.

A posição oficial continua a ser monopólio do Partido Comunista Francês, que com as vitórias russas e os episódios da Resistência vê crescer assustadoramente o seu prestígio. A partir de 1945, os comunistas reiniciam suas publicações fragmentando-as em várias editoras, com linhas respectivas em cada uma. As duas primeiras a aparecer são a Bibliothéque Française e as Éditions Sociales. As duas são de 1946, e a BF desaparece um ano depois, sendo substituída pelas Éditions Hier et Aujourd'hui, que será substituída, em 1948, pelo Les Éditeurs Français Reunis. Assim, as Éditions Sociales é a única que nasce e se mantém até hoje; as outras são sucessoras da Bibliothéque Française.

A Bibliothéque Française edita romances clássicos franceses, textos dos socialistas da primeira metade do século XIX (Flora Tristan, a romancista Georges Sand, Lamennais), literatura operária russa e estrangeira, livros circunstanciais sobre a política atual etc.

Parte desta linha editorial será herdada por Les Éditeurs Français Reunis. Esta se volta para a publicação de romances, reeditando romancistas russos saídos pelas Éditions Sociales Internationales, pelo Bureau d'Éditions, além de fazer circular grande número de novos autores. De Cholokhov, além de *Terres defrichées*, saído anteriormente, temos a saga do *Sur le don paisible*; de I. Ehrebourg, *La chute de Paris* e *La tempête*. De Fourmanov, o clássico *Tchapaiev*; de Gladkov, *Le ciment*; de Gorki, *La mère*; de Fadeev, *La defaite*; de V. Ajaev, *Loïn de Moscou*; de C. Fedine, *Premières jôies*; etc. O mais importante é a publicação, pela primeira vez na França, das *Oeuvres complètes* de Maxime Gorki e das *Oeuvres* de A. Tchekov. Do primeiro, sai uma série de romances, peças de teatro e livros de memória. Do segundo, contos classificados pelos anos de publicação, peças de teatro, além de sua biografia, por Elza Triolet.

A Bibliothéque Française ocupa-se, em parte, com temas de organização e de questões políticas contemporâneas. Les Éditeurs Français Reunis voltam-se para a obra romanesca. E a Éditions Hier et Aujourd'hui, por sua vez, continua a desenvolver a literatura política e partidária, herança da Bibliothéque Française, e ao mesmo tempo se volta para publicações ideológicas. Ela amplia o número de livros que tratam de problemas dos países capitalistas: desenvolve a literatura sobre as democracias populares (Polônia, Alemanha Oriental etc.), estende-se sobre o perigo da guerra. Agora não há mais a preocupação dominante entre as duas guerras mundiais, que era a de mostrar como se organizavam os sindicatos, a de descrever como era a vida na Rússia, qual seria o progresso econômico do socialismo etc. A fase está superada, não só porque o socialismo na Rússia vencera os perigos do período pós-revolução, mas porque esses assuntos não mais interessam ao público moderno. Agora, a temática é mais global e voltada para os grandes conflitos entre o comunismo e o capitalismo.

A Éditions Hier et Aujourd'hui vai se consagrar também à reedição de algumas séries de livros da Éditions Sociales Internationales. O título da Collection Problèmes transforma-se em La Science et l'Homme, sendo reeditados: *L'origine des mondes*, de Paul Laberene, *Biologie et marxisme*, de Marcel Prenant e, de Lucien Henry, *L'origine des religions*. Há coleção de biografias, por onde saem *Darwin*, de Marcel Prenant, *Jeanne D'Arc*, de Edith Thomas, *Descartes* e *Spinoza*, de Henri Lefebvre, *Buonarroti*, do marxista americano Samuel Bernstein, *Louis David*, de Agnès Humbert, *George Sand*, de Jean Lamar, *Babeuf*, de Josette Lepine. Afinal, na Collection Civilization Française temos Pierre George, com *Geographie économique et sociale de la France*, Marcel Cohen, com *Histoire d'une langue*, Roger Garaudy com *Les sources française du socialisme scientifique*, Jean Dautry, *Histoire de la Révolution de 1848 en France*, e outros.

Nos curtos anos de sua existência, que dura de 1946 a 1950, a Éditions Hier et Aujourd'hui marca sua passagem por uma linha de trabalhos voltada para uma perspectiva humanística, em parte herança anterior, em parte resultado do esforço de pensadores marxistas jovens. Marcel Cohen ou Marcel Prenant estão ligados à fase da Éditions Sociales Internationales, enquanto Roger Garaudy, Samuel Bernstein ou Edith Thomas pertencem à nova geração marxista. Esta linha, entretanto, vai ser aprofundada de maneira mais dinâmica e renovadora pela Éditions Sociales.

A Éditions Sociales é retomada da Éditions Sociales Internationales. Seu programa editorial é aberto, de linha humanística, voltado para a publicação da obra marxista, continuando a ignorar a contribuição dos pensadores da Segunda Internacional. O que predomina são os livros de teoria, tendo publicado número bem maior de obras do que a sua antecessora. Por existir maior número de anos ou porque o momento histórico foi de maior liberalidade partidária, o fato é que a Éditions Sociales amplia grandemente o seu programa e suas perspectivas de análise.

A partir de 1946, começam a ser reeditados os livros de Marx e Engels, começando por aqueles aparecidos entre as duas guerras. A editora aproveita os títulos anteriores, já refeitos por nova tradução. Assim, editam-se *Les luttes des classes en France*, *La guerre civile en France*, *Le 18-Brumaire de Louis Bonaparte*, *Misère de la philosophie*, *Salaires, Prix et profits*, *Le Manifeste Communiste*, *Études philosophiques*, todos de Marx ou de Marx e Engels. E do último, *La guerre des paysans en Allemagne*, *Révolution et contre-révolution en Allemagne*. Todos são da Collection Les Elements du Communisme. Este momento inicial, caracterizado unicamente pela reprodução de obras aparecidas em momentos anteriores, vai ser seguido por uma nova fase. O que se pretende é publicar as *Oeuvres complètes* de Marx e as *Oeuvres complètes* de Engels, e para isso são feitas revisões dos livros que já foram publicados; ou aparecem novas traduções acrescidas de capítulos ou adendos inéditos. Esta tarefa árdua e complexa cabe, no começo, a Emile Bottigelli, germanista, membro do PCF, grande conhecedor da obra de Marx e de Engels. Mais tarde, ele terá a colaboração de Gilbert Badia, Jean Mortier, Henri Auger e todo um grupo de especialistas, que irão sucedê-lo depois de sua morte, na década de 1970. O título de *Oeuvres complètes...* dura alguns anos, sendo depois retirado da capa. De qualquer maneira, com ou sem o frontispício, a Édition Sociales inicia o programa, que continua em andamento até os dias de hoje. O importante é que, pela primeira vez, começam a aparecer em francês os inéditos de Marx e Engels, enquanto certos livros mais comuns são enriquecidos com novos capítulos, adendos e notas. Nesta série saem *Travail salarié et capital*, *Suivi de Salaires prix et profits*, *Les luttes des classes en France*, *Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte*, *Misère de la philosophie*, *Le Capital*, *Lettres à Kugelmann*. De inéditos, até 1964, temos *Contribution à la critique de l'économie politique* (as outras edições

francesas são de 1899, 1909 e 1928); *La guerre civile en France (1871)*, nova edição acompanhada dos trabalhos preliminares de Karl Marx; *Manuscrits de 1844*. De Engels, temos reedições das obras saídas antes da Segunda Guerra Mundial e o aparecimento de inéditos. Entre os primeiros, temos *Socialisme utopique et socialisme scientifique*, *Ludwig Feuerbach et la fin de la philosophie classique allemande*, *Le rôle de la violence dans l'histoire*, *Le problème du logement*, *Études sur Le Capital*. Em edições denominadas de *Oeuvres complètes*, com novos textos e inéditos, temos *Anti-Dühring* acompanhado dos trabalhos preliminares e de uma série de apêndices; *Dialectique de la nature*; *La révolution démocratique bourgeoise en Allemagne (La guerre des paysans, La campagne pour la constitution du Reich, Révolution et contre-révolution)*; *La question paysanne en France et en Allemagne*; *L'origine de la famille, de la propriété et de l'Etat*; *La situation de la classe laborieuse en Angleterre*; *Lettres sur Le Capital*. Além do *Manifesto comunista*, de Marx e Engels, sai deles *L'ideologie allemande, primeira parte: Feuerbach*; a edição completa aparecerá depois de 1964. Importante é a publicação integral da *Nouvelle Gazette Rhénane* e a inédita e revolucionária *Correspondence Friedrich Engels, Paul et Laura Lafargue (1868-1895)*. Temos também novas antologias temáticas, que retomam os títulos anteriores, mas nada tendo a haver com as suas antecessoras: *Sur la religion*, *Sur la littérature et l'art*, *Marx et le marxisme*. Por exemplo, a antiga coletânea *Sur la religion*, de Lucien Henri, agora é substituída por *Textes choisis, traduits et annotés* por G. Badia, P. Bange e E. Bottigelli. Assim, esta série, que inclui toda a obra de Marx e Engels, prosseguirá depois de 1964: até agora saíram 11 dos 15 volumes da *Correspondence*, *L'ideologie allemande* completa, e toda uma infinidade de outros escritos editados pela primeira vez na França.

Cabe a Éditions Sociales fazer aparecer um sem-número de publicações avulsas de Lenin, Stalin, Plekhanov, Roger Garaudy, Politzer. No entanto, o fundamental é seu esforço para lançar *L'oeuvre complète* de Lenin, *L'oeuvre complète de Stalin*, a Collection Les Classiques du Peuple. Não é preciso dizer que desde 1918 os livros de Lenin saem editados em todas as línguas, como os clássicos *O imperialismo... Que fazer? O esquerdismo...* etc., ou as antologias temáticas etc. Por questões financeiras, ou devido a fatores circunstanciais, os editores obrigavam-se a limitar a publicação da volumosa obra de Lenin. Desta maneira, os primeiros escritos de Lenin contra os economicistas russos, O

*desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, e centenas de outros escritos seus permaneciam inéditos na França e no mundo latino. A publicação das *Obras completas*, em 44 volumes, dá ao leitor, pela primeira vez, a dimensão verdadeira do trabalho intelectual do grande responsável pela Revolução Russa. A obra de Stalin, por sua vez, vai ser apresentada no seu conjunto também pela primeira vez: programada para 16 volumes, unicamente apareceram 7 ou 8 volumes, sendo cancelada a série depois da revelação do Relatório Kruchev. Afinal, Les Classiques du Peuple é a edição dos mestres de todos os tempos, cada volume sendo composto por uma introdução, seguido por textos escolhidos. Na coleção saem as obras fundamentais dos grandes pensadores da história do movimento operário, como Jules Guesde, Blanqui, H. Heine, W. Morris, R. Owen, Buonarroti, Saint-Simon etc.

\* \* \*

Movimento operário e literatura operária são processos autônomos e dependentes ao mesmo tempo. A relação que se forma é condicionada pelo desenvolvimento histórico por que passa a classe trabalhadora. É natural que a evolução descrita anteriormente esteja ligada à realidade européia, que abrange mais de um século, indo da metade do século XIX até a década de 1960. Aqui a cronologia se divide em fases, que se relacionam aos diversos movimentos organizatórios e ideológicos por que passa o proletariado do Velho Mundo, cujos reflexos se fizeram sentir em outros continentes.

A relação precisa ser mais bem avaliada, no seu conjunto ou em cada um dos períodos levantados - antes da Primeira Guerra Mundial, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, durante a Segunda Guerra Mundial, após a Segunda Guerra Mundial. É verdade que a fase que vai de 1939 a 1945 não tem a profundidade nem a particularidade de outros períodos, mas, de qualquer maneira, ela apresenta alguns traços de individualidade própria. Os outros momentos, ao contrário, são profundamente distintos, dividindo-se uns de outros por uma série de traços, como mostramos anteriormente.

Para relacionar este processo geral com o Brasil, é preciso levar em conta as particularidades não só do nosso processo histórico, como a questão dos níveis de consciência do nosso movimento operário e da assimilação destas teorias. O problema é complexo e foge bastante

à nossa preocupação, voltada mais para a difusão dos livros que foram impressos – no exterior e no Brasil –, e não ao resultado intelectual ou ideológico desta leitura. Natural que a relação entre leitor e leitura é fundamental, mas um passo inicial para o estudo desta inter-relação se faz levantando o que foi publicado. Daí a bibliografia marxista brasileira ser instrumento necessário para o início da análise, o que não prescinde de voltarmos a sublinhar que parte dos militantes ou de simpatizantes de esquerda lia corretamente o francês e o espanhol.

Dissemos atrás que os nomes de Marx e Engels aparecem esporadicamente numa ou noutra citação jornalística e que, até 1914, nada possuímos deles, de maneira mais substancial, como a tradução de um dos seus artigos ou trechos maiores de alguns de seus livros. Infelizmente, esta observação se limita aos jornais em língua portuguesa e italiana, menos as alemãs. Sabemos que, durante a Primeira República (1889-1930), saíram no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e até em São Paulo inúmeras publicações operárias em língua teuta. Elas não foram analisadas até hoje, fato que poderia mudar parte desta conclusão. No entanto, mesmo sendo verdadeira a idéia de que os nomes de Marx e Engels tenham aparecido na propaganda socialista alemã, há dois fatores objetivos que restringem a sua circulação: 1) poucos indivíduos falavam o alemão no Brasil; 2) os alemães viviam segregados nos estados do Sul, cultivando seus costumes, afastando-se, assim, de outras nacionalidades. Além desses dados, pode-se dizer que há contato mínimo entre os núcleos operários alemães e os de outras origens raciais, pois é comum os jornais da classe trabalhadora noticiarem os acontecimentos de outros estados, o que não acontece quando se trata dos alemães.

O relativo desconhecimento de Marx e Engels entre nós permite-nos afirmar que no Brasil não existem discípulos seus até a década de 1920, mas unicamente alguns leitores. Não há o que se denomina de discípulos, mas de admiradores, que apesar de considerarem o seu valor, confundem-nos com outras correntes socialistas reformistas, como acontece com Silvério Fontes e o grupo do Centro Socialista de Santos (1895-1896). O máximo que conseguem realizar é colocá-los ao lado de outros teóricos secundários, igualando todos ao mesmo nível. O caso do *Manifesto do Partido Socialista Brasileiro*, de 1902, é sintomático: depois de usar o esquema inicial do *Manifesto comunista*, seus autores abandonam o fundamental da ideologia

marxista – a luta de classes – e defendem a idéia de que o processo pacífico e ininterrupto levará a classe operária a passar da sociedade burguesa ao estágio superior, que é o socialismo. Esta posição evolucionista e mecanicista é a dominante. Mas, o curioso é que no fim do *Manifesto do PSB*, de 1902, recomendam-se as leituras de *Le Capital*, *Le Manifeste Communiste*, *Socialisme utopique et socialisme scientifique*, todos de Marx e Engels; *La femme*, de August Bebel; e mais Benoit Malon, com o célebre *Le socialisme integral*; Gabriel Deville, com *Principes du socialisme scientifique*. Como se vê, todos eles são indicados na edição francesa, menos o de Enrico Ferri, *Il socialismo e la scienza positiva*.

Esta lista dos “livros mais recomendáveis para o estudo do socialismo científico”, como dizem, mostra a familiaridade com a literatura européia, comum não só aos socialistas, mas também aos anarquistas, que neste momento ainda recomendam aos seus admiradores a leitura de *Le Capital*, *L'origine de la famille...*, livros de Gabriel Deville e Paul Lafargue etc.

Desta maneira, as edições marxistas francesas atingem o nosso mercado, representando o grande contingente da época, seguido de número bem menor de livros em italiano e em espanhol. O impossível, no entanto, é fazer avaliação estatística de cada uma destas contribuições.

Se não existem marxistas brasileiros até a Primeira Guerra Mundial, temos seguidores da Segunda Internacional, associação identificada entre nós pelo termo genérico de “socialista”. Vários grupos operários brasileiros enxergam, no movimento social-democrata europeu, o modelo ideal. E isto desde o seu início.

Em 1890, representantes do primeiro Partido Socialista Brasileiro mandam saudação ao Partido Socialista Alemão, através dos alemães residentes no Brasil. O ato se dá logo após a vitória eleitoral do Partido Social-Democrata Alemão, em 1890, quando termina a revogação da Lei Anti-Socialista de Bismarck:

Colegas e filhos da nobre Germânia. Não venho somente felicitar-vos pela vitória alcançada na gigantesca luta eleitoral ferida em 20 de fevereiro... mas também estreitar o âmbito das amistosas relações internacionais que devem existir entre os partidos originados pela evolução que ora se opera nas classes produtoras. O resultado dessa luta constituiu um fato que assombrou o mundo,

e que repercutiu particularmente na terra de Cabral entusiasmando o coração de nós outros para a grande conquista do trabalho!<sup>20</sup>

A identificação entre certas alas trabalhadoras brasileiras e a Segunda Internacional continuou a existir, em diversos outros momentos. No Congresso Internacional Operário Socialista, em Zurique, no ano de 1893, o Brasil participa com dois delegados. Eles não estão presentes no conclave – acreditamos que por razões financeiras –, mas delegam poderes a dois marxistas de renome: “Wilhelm Liebknecht, Berlim. Arbeiterpartei Brasiliens; Robert Seidel, Zurich, Deutsche Arbeiter in San Paulo”.<sup>21</sup> No começo do século, quando a Internacional elabora as teses sobre o perigo da guerra, recebe os aplausos de socialistas e anarquistas brasileiros.

Com maior ou menor intensidade, pode-se avaliar que tomamos conhecimento sobre o que se passa com o movimento socialista e marxista europeu. Não tivemos, no entanto, assimilação daqueles valores nem incorporação das experiências além-mar. Este processo se dará unicamente com a Primeira Guerra Mundial e a introdução de um novo modelo revolucionário, que é o bolchevismo.

Bem antes da fundação do Partido Comunista do Brasil (março de 1922), já aparecem manifestações literárias que utilizam o vocabulário do marxismo-leninismo. Nestes primeiros momentos pós-guerra, a produção original brasileira é pobre e limitada, mas, por exemplo, em 1919<sup>22</sup> temos: o aparecimento de uma sátira contra a oligarquia paulista – o papel de justiceiro cabe aos *soviets* –, e um escrito sobre o maximismo (em russo bolchevismo significa *máximo*), que não passa de um programa anarquista<sup>23</sup>; no ano seguinte, ao lado de depoimento vivo de Canelas, que fala, *en passant*, sobre o bolchevismo, temos as brochuras de Afonso Schmidt, que defendem as posições comunizantes do Grupo Clarté, e um escrito de Lenin; outras informações sobre Lenin são do ano de 1921.

20 CARONE, 1984, p. 142.

21 Congrès International Ouvrier Socialiste tenu à Zurich du 6 au 12 aout 1893, p. 187. Ver os relatórios de 1893 e 1896. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. *A classe operária no Brasil (1889-1930)*, v. 1, p. 26-32.

22 SUBIROV, Ivan. *A oligarquia paulista*. [S. l.: s. n.], 1919.

23 LEUENROTH, Edgard; NEGRO, Hélio. *O que é o maximismo?*

Os três anos que antecedem a fundação do PCB mostram-se pobres do ponto de vista editorial comunista. Os jornais operários, ao contrário, são muito mais noticiosos, muitos deles carregando em acontecimentos sobre a Rússia, reproduzindo artigos de Lenin, Trotski, Lunacharski e outros. A Voz Cosmopolita inicia a publicação de *O Manifesto comunista* em capítulos, entre julho de 1923 e janeiro de 1924.

Mas a grande fonte de informação, a que dá ao militante e ao interessado dados sobre o novo fenômeno revolucionário, são os livros estrangeiros. Desde cedo, isto é, a partir do fim da guerra, voltam a circular as brochuras em língua francesa, e com elas nos chegam as primeiras publicações feitas na Rússia, o material da Terceira Internacional Comunista, as recentes produções da Librairie de l'Humanité, as publicações do Grupo Clarté, os livros e revistas da Argentina, e todas as revelações jornalísticas condensadas nos livros pró ou contra a revolução bolchevique, listas estas levantadas na parte anterior. Estas fontes são comercializadas no Brasil, sendo importadas livremente pelas grandes livrarias de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras capitais. Natural que a sua repercussão é avaliada diferentemente pelos diversos grupos ideológicos, mas o importante é que sua presença física é uma realidade.

O crescimento do PCB, na década de 1920, não é acompanhado por um processo paralelo editorial. Por falta de recursos, por incapacidade de tomar iniciativas mais complexas financeiramente, por passar por momentos de incertezas, o partido elabora um número muito pequeno de publicações durante os anos de 1922 a 1930. Aqui não falamos em panfletos, volantes e jornais, que são publicados em grande número, o que torna este conjunto mais rico do que a bibliografia em livros. Possivelmente, uma das razões dessa pobreza editorial é que esta década representa momento de recuo do movimento operário, ao contrário da afirmação contrária e em moda nos dias de hoje. Nesta fase do processo histórico, o PCB procura consolidar-se organizatoriamente, sem aprofundar mais a questão ideológica.

Como pode ser visto na parte cronológica temos, nos anos de 1922 a 1930, exemplos de publicações marxistas do PCB e de outras origens. Do primeiro, o que se publica é de responsabilidade das diversas Comissões Estaduais [CE]. A razão é a falta de recursos da Comissão Central [CC], o que obriga as CE a angariarem dinheiro e publicarem os livros: são os casos do *Manifesto comunista*, que aparece

em Porto Alegre, do *ABC do comunismo*, que surge no Recife. Por sua vez, os livros polêmicos contra os dissidentes, ou às críticas aos desvios, saem sob a responsabilidade da CC. Afinal, outras edições só existem pelo esforço financeiro do autor ou porque são organizadas listas de contribuição destinadas à sua publicação.

Pode-se, assim, avaliar os oito anos iniciais do PCB como um período de escassa publicação de literatura marxista, de origem própria ou de traduções. Ainda mais, falta-lhe um elemento essencial, comum a muitos outros partidos comunistas, o de ter uma editora própria. Esta razão é grave, porque o obriga a publicações esparsas e mal distribuídas.

Nestes anos difíceis e de escasso poder financeiro, entretanto, o PCB utiliza determinados recursos de propaganda, já que os seus próprios meios são muito reduzidos. Não podemos esquecer de que se intensificam, nestes anos, a produção e distribuição dos pequenos panfletos, do jornal *A Classe Operária*, e de outros meios de propaganda impressa, mas de qualquer maneira é pequeno o raio de ação desta propaganda. Para suprir essas deficiências, o PCB desde 1922 distribui os livros da Editorial La Internacional, de Buenos Aires. Através de um agente intermediário no Rio de Janeiro, Ferreira de Souza, qualquer interessado pode adquirir Karl Radek, L. Trotski, as publicações da Internacional Comunista etc. Desta maneira, os livros editados pela Terceira IC em Buenos Aires encontram-se à disposição de todos no mercado brasileiro, numa língua acessível ao leitor nacional. Ainda mais, é o próprio Astrojildo Pereira, secretário geral, quem também distribui livros para os núcleos regionais e as células do partido. Permanentemente, enquanto ocupa o cargo (1922-1929), ele envia aos militantes de todo o Brasil as publicações do partido, os livros mais importantes editados pelo Bureau d'Éditions e pela Éditions Sociales Internationales<sup>24</sup>. Desta maneira, os livros de Charles Rappoport, Afonso Schmidt, Otávio Brandão, Lenin, Carlos Rates, as teses dos Congressos da Terceira IC, o *Manifesto comunista*, as revistas *Internationale Syndicale Vermelha* (ed. espanhola), *Anarquismo y Comunismo* (de Plekhanov), e o *ABC do Comunismo*, de Bukharin etc., em línguas francesa, portuguesa ou espanhola, circulam por Recife, São Paulo, Porto Alegre e outras capitais e cidades onde existem núcleos do partido.

24 Pretendemos fazer análise mais exaustiva deste problema em outro livro.

Esta ação artesanal, dependente do esforço de um pequeno grupo de homens, que controla o Deve e Haver de cada núcleo – pois é necessário que sejam pagos os livros –, é situação precária que demonstra os limites gerais da ação partidária de esquerda no Brasil<sup>25</sup>. Esta situação muda espetacularmente após 1930.

Em parte como resultado da crise de 1929 e da conseqüente situação mundial, em parte como resultado da crise provocada pela revolução de 1930, em parte como resultado do crescimento das reivindicações das diversas classes sociais, temos transformações básicas que resultam em ação propagandística mais ampla e radical das esquerdas. O PCB sofre crise interna entre 1929 e 1930, quando a sua direção é obrigada a abandonar a linha da “terceira via”, isto é, da revolução pequeno-burguesa e tenentista. O que vai dominar é a posição doutrinária do Quinto Congresso da Internacional Comunista (1928), com a palavra de ordem de “classe contra classe”. Internamente, há o afastamento da antiga direção do PCB – Astrojildo Pereira, Otávio Brandão etc. – e a ascensão de nova liderança. A ação partidária se intensifica, o número de publicações avulsas – panfletos, volantes, revistas, jornais – aumenta bastante, mas continua a inexistir uma editora oficial ou oficiosa, que represente fielmente o pensamento do partido.

O que se dá depois de 1930, entretanto, é a multiplicação espantosa de livros marxistas e de editoras voltadas exclusivamente a esta linha de pensamento, ou de outras que publicam esse gênero, por ser de venda garantida. A Pax, a Cultura Brasileira, a Calvino, a Unitas etc., surgem triunfalmente, com linhas editoriais definidas, traduzindo obras existentes entre as diversas casas publicadoras francesas. Uma ou outra, entretanto, são feitas de traduções espanholas. Há um empecilho que dificulta localizar a edição estrangeira utilizada, mas pelos galicismos existentes percebe-se que o tradutor serviu-se, freqüentemente, de versões francesas. Nunca, em obra alguma desta época, podemos afirmar que a edição brasileira fosse feita diretamente do original alemão

25 Esta modalidade de propaganda é comum aos movimentos de esquerda no Brasil desde o início do século. É freqüente os jornais anarquistas anunciarem livros e jornais em línguas francesa, italiana e espanhola – e outros de Portugal – que se encontram em estoque na sua redação e ficam à disposição dos possíveis adquirentes. Isto não significa que as redações se transformem em livrarias comerciais, pois estas redações recebem as publicações de suas congêneres doutrinárias e enviam, por sua vez, as suas publicações às editoras estrangeiras.

ou do russo. Assim, o manancial editorial francês, e secundariamente o espanhol, serviram não só como base de informação ao nosso leitor como de texto para as traduções brasileiras.

A lista que abrange os anos de 1930 a 1937 permite-nos verificar que aparecem no Brasil algumas das obras mais importantes e de maior atualidade no momento. A observação que serve para a parte referente à teoria aplica-se também à literatura. Pela primeira vez começam a aparecer no Brasil, de maneira sistemática, John Reed, certo tipo de literatura política de Máximo Gorki, obras de Lenin, Losovski, Trotski, Manuilski, Prokovski, Plekhanov, Barbusse, Marx e Engels, Max Beer, Bukharin, Krupskaja, Krilenko, Ladipus e Ostrovitianov, Lissagaray, Rappoport, Stalin, Bagdanov, Zetkin, Talheimer. E o importante é que, além dos livros de teoria aparecem, pela primeira vez, exemplos de literatura proletária russa, européia e até americana. Como dissemos, este conjunto de obras – menos os romancistas brasileiros – já fora lançado pelos franceses, e muitos deles também foram vertidos para o espanhol. O percentual de romances aparecidos no Brasil representa bagagem respeitável, não só pelo número como pela qualidade. Não é preciso falar de Gorki, de fama anterior à Revolução Russa, mas que aparece editado com freqüência, exatamente porque se identifica aos ideais desta revolução. Temos, por sua vez, Boris Pilniak, Gladkov, Advenko, Kuprin, Lebedinski, Tolstoi, Fibitch etc. Aos russos seguem-se os europeus, como Glaeser, Silone, Malraux, Istrati, Maran, O'Flaherty, Roth; e os americanos Gold, Lewton, Reed, Harrison etc. Ao impacto de livros teóricos e de romances, é preciso salientar que pela primeira vez são publicadas obras de viagens à Rússia, de autoria de estrangeiros e de brasileiros. A sede de conhecimento é tal que o livro *Rússia*, de Maurício de Medeiros, atinge em poucos meses seis edições consecutivas. Verdadeiro sucesso em um país onde as edições oscilam entre 2 mil e 3 mil exemplares e duram anos para se esgotarem. Completando o quadro, pode-se notar que é relativamente grande o número de livros sobre a realidade jurídica, a medicina e a pedagogia soviética etc.

De maneira genérica, pode-se afirmar que o dominante nas traduções são obras que tratam dos problemas de organização e de ideologias partidárias. As que dizem respeito à doutrina, propriamente dita, são em número bem menor.

A onda publicitária obedece a uma lógica editorial. Dissemos antes que o PCB não possui editora própria, mas boa parte do que aparece

responde à sua linha ideológica; poucos são os livros anti-stalinistas; e uma terceira corrente é de literatura anticomunista. O comum é cada uma destas correntes possuir editoras, pois há ligação entre a posição do editor e a carga dos livros publicados. E, com pequeníssimas exceções, todas elas nasceram depois de 1930. Vejamos alguns exemplos. A Calvino Filho Editor inicia-se no Rio de Janeiro, em 1931. Por ela saem livros de medicina, de história do Brasil, até que começam a aparecer obras de esquerda ligadas à corrente do PCB. Suas edições destinam-se mais a divulgação, não só pela ênfase aos livros de viagem e de informação sobre a realidade russa como pelas obras de agitação, como as de Lenin e de outros autores. Nesta primeira fase de sua existência, a Calvino Filho – nome do seu proprietário e militante partidário – não alcança o prestígio e a expansão que terá depois de 1942. De 1931 é a Editorial Pax, localizada em São Paulo. Por informação de Astrojildo Pereira, parece que Luís Carlos Prestes, exilado no Uruguai, foi um dos seus financiadores<sup>26</sup>. Sua linha de divulgação restringe-se a obras de viagem e romances, sendo a primeira no Brasil a fazer aparecer alguns dos já clássicos romances proletários: Michael Gold, Lebedinski, Vieressaiev, Larissa Reissner, Kurt Klaber. Da sua linha editorial, além dos viajantes temos a primeira edição de *Kolantai*, livro com inúmeras edições posteriores. Ela é fechada com a Revolução de 1932.

Duas outras editoras – entre muitas outras – se destacam neste momento: a Unitas e a Cultura Brasileira. A Gráfica Editora Unitas Limitada é de propriedade de Salvador Pintaúde, pessoa ligada a agência de publicidade, a Eclética. Ela tem ligação com membros da recente Liga Comunista Internacionalista, seção brasileira da Oposição Internacional de Esquerda, isto é, o grupo trotskista. A editora, que sofre os efeitos da repressão em 1935, publica alguns dos clássicos de Marx e Engels, Plekhanov, Max Beer etc., mas a ênfase é para Trotski, secundariamente Lenin. Na verdade, com raras exceções, a divulgação de Trotski no Brasil deve-se à Unitas. Através dessas publicações, temos mais um elemento para a compreensão do trotskismo entre nós: as traduções, introduções e seleção são devidas a Aristides Lobo, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, todos participantes da Liga. A Edição Cultural Brasileira é propriedade de Galeão Coutinho. Publica biografia de músicos

26 A informação está contida em anotação de Astrojildo Pereira.

e de romancistas, edita romancistas proletários, como Michael Gold, Maran, Knut Hamsun, Pilniak, Roth, Harrison, O'Flaherty, Kisch. Ela é a editora que seleciona mais rigorosamente a bibliografia marxista, editando obras de grande valor teórico e de divulgação da doutrina. Por ela saem os livros de Max Beer, Prakovski, Losovski, Engels, Proudhon (*Que é a propriedade*), Thalheimer, Lapidus e Ostrovitianov, o primeiro volume de A. Mathiez, *A Revolução Francesa* (que seriam três) e o primeiro volume de Lissagaray, *História da Comuna de Paris* (que seriam dois), além de romances brasileiros, clássicos e modernos.

Dentro da listagem levantada, que alcança número imenso de editoras, muitas delas são partidárias, como a Edições Caramuru, de 1934. Ela conta com a colaboração de Caio Prado Júnior, tradutor do famoso *Tratado de materialismo histórico*, de Bukharin. Mas, ao lado destes exemplos específicos, há que se realçar o fato de muitas editoras burguesas se aventurarem a publicar obras de esquerda, pró ou contra. É o caso da Edição da Livraria do Globo, que depois de se transferir de Pelotas para Porto Alegre (1929), dedica-se a fazer aparecer coleções políticas, como a Inquéritos sobre a Rússia, voltadas para a literatura anticomunista. A ênfase é dada a livros saudosistas de caráter monarquista, como as memórias do príncipe Yussupov, de Rachmanov e outros. Mas, ao mesmo tempo, publica o *Espírito e fisionomia do bolchevismo*, de René Fülöp Miller, apanhado ágil e vivo da arte e da política comunista na década de 1920 etc. Mas os romances que edita, como os de Glaeser, são na verdade obras radicais contra a guerra e representam literatura antinazista.

Muitas outras editoras voltam-se unicamente para obras de esquerda - Nosso Livro, Alba, Editorial Trabalho -, enquanto a maioria dedica-se a campo mais amplo, em que a literatura marxista representa parte menor. Este processo ascendente é prejudicado pelas medidas coercitivas do governo em fins de 1935, quando este fecha editoras, apreende os seus estoques e processa-as. É o caso da Unitas, da Edições Cultura Brasileira e de algumas dezenas de outras. Esta é a razão, também, para a proliferação de uma literatura anticomunista, bastante comum entre 1936 e 1942, apesar de terem aparecido, aqui e ali, alguns romances proletários ou livros favoráveis à Rússia.

Com as medidas de exceção instituídas entre 1935 e 1936 com o Estado Novo, a partir de 1937 a literatura marxista editada entre nós

praticamente deixa de existir. Como vimos, as livrarias continuam a importar, apesar da censura. Esta é inconseqüente, permitindo a entrada de determinados lotes de livros, proibindo outros, conforme o censor. Por esta razão, até 1939 ou 1940, com certa dificuldade, são encontráveis livros estrangeiros nas grandes cidades brasileiras. Com a intensificação do conflito armado, a partir de 1940, torna-se impraticável o comércio com a Europa, havendo substituição gradativa pela importação de livros mexicanos e argentinos, os chilenos vindo um pouco mais tarde.

Depois de um silêncio editorial brasileiro quase total, quando aparecem unicamente um ou outro romance social, começam a surgir os primeiros sinais de recuperação. É a fase que denominamos de intermediária, abrangendo os anos de 1942 ao começo de 1945. Ela se caracteriza por uma retomada da publicação da literatura marxista, só que a temática das obras volta-se preponderantemente para a situação da guerra, para a análise crítica do nazismo e a descrição das batalhas na Europa. Aproveitando-se deste clima antinazista e de exaltação à democracia e ao esforço de guerra da União Soviética, alguns editores também retomam cautelosamente a reedição de alguns livros de teoria aparecidos entre 1930 e 1935.

Cabe à Editorial Calvino Limitada a coragem e a iniciativa de quebrar a censura dominante. Em 1940, ela volta a publicar romances, na coleção A Vida Amorosa (de Balzac, de Lady Hamilton, de Napoleão etc.). Em 1942, momento em que os comunistas exilados começam a voltar, quando os comunistas e liberais fazem frente comum para lutar contra a ameaça nazista, o editor Calvino lança os primeiros livros de sua nova fase editorial. No começo, são os que mostram os aspectos totalitários do nazismo, como *Educando para a morte*, de Zimer, que trata da educação na Alemanha hitlerista; *Eu fui médico de Hitler*, de Krueger etc. Aproveitando o sucesso alcançado e o clima de exaltação democrática, nesse mesmo ano sai uma série de livros sobre a Rússia, alguns deles alcançando cinco e até seis edições em muito pouco tempo. É *Missão em Moscou*, do ex-embaixador dos Estados Unidos na União Soviética, Joseph E. Davies; é o reverendo Johnson com *O cristianismo e a nova ordem social* e *O poder soviético* (ambos de 1943); são os livros de Maurício Hindus, Ana Louise Strong. E, aproveitando o momento, começam a aparecer reedições de alguns clássicos do marxismo editados no Brasil entre 1930 e 1935, além de outros inéditos.

São os casos de Max Beer, com a *História do socialismo*, o de Lapidus e Ostroviatinov, com *Princípios de economia política*, e de John Reed com *Os dez dias que abalaram o mundo*. Todos os três são de 1944. Um ano antes aparecera *Stalin*, de Emil Ludwig.

Assim, é a partir de 1942-1943 que se pode afirmar que a censura foi obrigada a recuar, cedendo maior margem de ação para as publicações de esquerda. Entre 1939 e 1942, apareceu um ou outro romance social, fato que deve ser levado em conta, mas é a partir de 1942-1943 que o manancial literário torna-se mais amplo e satisfatório. Com a abertura que começa a se delinear a partir de então, outras editoras aventuram-se a conquistar o mercado existente: a José Olympio publica *Minha vida*, de Trotski, e *Do fundo da noite*, de Jean Valtin; a Guairá, editora nascida em 1940, começa série de romances sociais. Os comunistas jogam os seus livros em três novas editoras: Leitura, Horizonte e Vitória. E outras casas publicadoras fazem sair títulos sobre a guerra, a Rússia etc. Esta fase intermediária e limitativa, mas importante, é seguida por um terceiro momento, de grande importância editorial e no qual se desenvolvem algumas características novas. Ele abrange os anos de 1945 a 1964, e é dominado pela linha editorial do PCB. Dissemos atrás que o partido nunca tivera editora própria, fato que provoca empecilho para a divulgação de seu pensamento. É verdade que uma ou outra pequena casa publicadora fizera sair literatura do partido, só que estes acidentes são de menos importância. Mas, durante a guerra, o renascimento do movimento comunista é acompanhado de grande dinamismo organizatório. Nos diversos estados, os seus membros participam de mobilização a favor da entrada do Brasil na guerra, editam revistas e brochuras de atualidades etc. *Diretrizes*, de Samuel Wainer, e *Leitura*, de Joel Silveira, são exemplos de algumas revistas que surgem após 1942. A última delas, no entanto, começa a publicar romances desde 1944, que incluem antologias de escritores russos, americanos e ingleses, e romances sociais. O mesmo se dá com a Editorial Vitória, cujos títulos de 1944 tratam unicamente de romances proletários russos e de alguns clássicos europeus, como Dickens, Claude Tillier.

No começo de 1945, as três editoras comunistas estão consolidadas. Pela primeira vez o partido terá seu próprio órgão de propaganda. Dentro de um critério de trabalho, a Leitura volta-se preferentemente para romances e só depois de 1964 edita Marx e Engels; a Horizonte dedica-se a difundir a obra dos militantes do PCB, a

tratar de temas políticos gerais e de teoria; a Vitória é a mais ampla de todas, com romances, literatura circunstancial de guerra, livros de ideologia. Das três, a Horizonte desaparece em 1947, a Leitura edita pequeno número de obras, enquanto a Vitória inicia movimento editorial de caráter excepcional, pelo seu número, pela seleção que faz e pela abertura de temáticas as mais variadas. Ao lado dos romances lançados avulsamente, ela possui coleções como a dos Romances do Povo e Novos Horizontes; ao lado da literatura do partido, literatura oficial dos diversos partidos comunistas, principalmente da União Soviética; ao lado de assuntos brasileiros, questões políticas e sociais do mundo capitalista. Além disso, temas doutrinários, filosóficos e econômicos e a divulgação dos clássicos do marxismo.

A Vitória retoma as edições de Marx e Engels iniciadas pela Horizonte - entre 1945 e 1947 -, ampliando-as. A Horizonte republicara grande parte das obras de Marx e Engels, em português, existentes no mercado até 1935, enquanto a Vitória reedita não só estes, mas muitos outros inéditos no Brasil. É assim que saem novamente o *Manifesto comunista*, *Socialismo utópico...*, *Salário, preço e lucro*; entre os inéditos, *As lutas de classe na França*, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, *Trabalho assalariado e capital* e as *Obras escolhidas* de Marx e Engels em três volumes. Outro elemento importante: pela primeira vez são utilizados os textos do Instituto Marx-Engels de Moscou, mas segundo a edição da língua espanhola. O mesmo se dá com os trabalhos de Lenin, Stalin, Plekhanov, que em parte já eram conhecidos entre nós, outra parte sendo inédita. Paralelamente a este esforço, temos a tradução de trabalhos sobre a filosofia marxista - materialismo dialético e materialismo histórico -, economia política etc.

Como em 1930 e 1935, o novo momento vai ser povoado de editoras dedicadas à divulgação de literatura de esquerda e, como antigamente, umas por razões doutrinárias, outras por razões comerciais. Entre as últimas, há a Companhia Editora Nacional, a José Olympio, a Globo (que não se dedica mais à literatura anticomunista), a Pongetti, a Zahar. Elas e outras fazem sair obras importantes, de defesa ou contra o comunismo. Algumas editoras têm caráter partidário, como a Melso, que reedita livros já publicados no passado; a Fulgor, que se volta para as obras marxistas russa e francesa; a Brasiliense, que se dedica a romances e a obra histórica e filosófica: a Ypê, com romances e um livro de Trotski. Outras editoras são anticomunistas, como a Livraria

Clássica Brasileira, ligada aos integralistas; a Agir, que é católica e se alimenta de produção contra a Rússia.

O período de 1945 a 1964 é o mais rico e mais complexo de todos os momentos analisados. Natural que ele é produto não só das fases anteriores como de toda uma mudança internacional. Resumidamente, pode-se dizer que a literatura das esquerdas influencia marginalmente o Brasil na década de 1920, marca-nos profundamente na década de 1930, torna-se mais sensível, com maior riqueza de nuances, nas décadas pós-Segunda Guerra Mundial. É preciso lembrar que o mundo passa por transformações materiais, políticas e sociais profundas depois de 1945, o mesmo acontecendo com o comunismo. Este não só amplia territorialmente o seu domínio como aparecem modelos novos de regime comunista, e a isto acrescenta-se a morte de Stalin (1953) e todas as conseqüências da luta dos PCs contra o stalinismo.

O reflexo desta situação internacional se faz sentir na expansão da literatura marxista no Brasil. O que se dá é a grande importação de livros estrangeiros e uma produção livreira nacional bem superior a qualquer época. Mesmo que parte da nossa produção marxista continue a apresentar caráter oficial, formal e muitas vezes dogmático, começa a crescer uma produção própria, de caráter novo, nos campos filosófico, político e historiográfico. E ainda que Caio Prado Júnior, Leôncio Basbaum e Nelson Werneck Sodré tenham estreado em períodos anteriores, é agora que sua produção torna-se madura. E o próprio PCB é mais crítico e mais exigente nas suas análises, apesar de repisar algumas de suas visões estreitas sobre a nossa realidade. De qualquer maneira, o momento é o mais produtivo e o mais amplo de todos, só que há uma coincidência histórica entre o final do período assinalado por nós - no Brasil, o fenômeno é explicado pelo golpe de 1964, data que não coincide com nenhuma mudança no processo mundial - e uma nova fase que se abre para o Brasil. Sem querer entrar a fundo na questão, que não concerne ao nosso estudo, após 1964 se acumula uma série de fatores que modificam o caminho histórico do marxismo no Brasil:

- 1) as editoras comunistas são fechadas;
- 2) inicia-se o declínio da influência francesa;
- 3) cresce cada vez mais a bibliografia de origem americana e inglesa, e também alemã e russa;

4) boa parte das traduções começa a ser feita diretamente das línguas originais;

5) inicia-se influência crescente de Althusser, Lukács e Gramsci;

6) o eurocomunismo vai sendo cada vez mais aceito por camadas de esquerda;

7) as correntes reformistas - e até antimarxistas, como o anarquismo - vão se tornando mais agressivas;

8) há declínio do trotskismo, cujos primeiros indícios aparecem claramente no momento anterior.

\*\*\*

Dividimos a bibliografia em três partes: Teoria, Assuntos Vários e Literatura Proletária, acrescentando a elas dois apêndices. A divisão, em parte, é arbitrária, em parte justifica-se por diversas razões.

O levantamento de uma bibliografia do marxismo no Brasil leva o seu autor a uma série de questionamentos e à possibilidade de múltiplas tomadas de posição. Tudo depende da atitude que se toma, do que se entende por marxismo. Tomaríamos uma posição se quiséssemos ficar presos à obra de Marx e Engels e à de outros teóricos do marxismo - Lenin, Plekhanov, Rosa Luxemburgo etc.; se estendêssemos o conceito aos marxólogos, tomaríamos outra; afinal, se o ampliássemos para tudo que trata da teoria marxista e da produção material e intelectual dos países comunistas, ampliaríamos ainda mais o campo do que poderíamos chamar de literatura marxista. Esta é a medida que adotam alguns autores modernos, como Pedro Ribas, no seu excelente *La introducción del marxismo en España (1869-1939)*.

A nossa divisão, no entanto, é mais ampla. Enquanto este autor volta-se para o campo dos livros teóricos e de ação prática, o nosso pretende espaço maior, onde se incluem os temas de Assuntos Vários e de Literatura Proletária.

Desde que se aceite a idéia da relação entre as teorias de Marx e Engels com o movimento operário tipo Segunda Internacional e o marxismo-leninismo, é possível englobar essa produção num mesmo conjunto, onde coexistem as realizações práticas e a ideológica. Por essa razão, em teoria coabitam livros de doutrina, análises sobre a Rússia, descrição das correntes socialistas, depoimentos de indivíduos que participaram desses acontecimentos etc. Os limites metodológicos,

neste caso, são fluidos, porque não é preciso tratar com rigidez cada uma destas partes. Outros temas aparecem especificados em Assuntos Vários, e muitos desses livros, conforme critérios objetivos, poderiam ser incluídos na primeira parte. No entanto, os que tratam de medicina, pedagogia, direito ou que falam de viagens desenvolvem temas particulares e de interesse próprio, o que nos leva a separá-los.

A parte final, distinta de outras, é a Literatura Proletária<sup>27</sup>. Nela se incluem autores de antes e depois da Revolução de 1917, russos e de outras nacionalidades, entre eles alguns brasileiros. A literatura proletária é aquela que se volta para o operariado e os deserdados,

---

27 Usamos o termo "literatura proletária" no sentido comum, e não no que foi definido especificamente no decorrer de sua afirmação. O seu sentido final se concretiza em 1932, depois de uma árdua trajetória, que iremos resumir. Desde o início da revolução soviética, concebe-se a idéia de subordinar a literatura aos fins políticos da revolução. Mas, diante da guerra civil e de outros fatores negativos, os escritores puderam produzir sem coação. Entretanto, nessa primeira fase (1918-1920), são os futuristas que procuram impor a sua hegemonia, casando a "sua ditadura no domínio da arte paralelamente à ditadura do proletariado em matéria política e de economia". Apesar do apoio inicial de Lunatcharski - comissário da Educação - ao movimento, ele próprio reconhece que "seria nocivo que os artistas de vanguarda se considerassem, eles próprios, como os pilares de uma escola de Estado, representando a arte oficial prescrita pelo poder, mesmo que sua escola fosse revolucionária". Duas razões existem que justificam essa atitude, segundo Lunatcharski: "Sua atitude destrutiva frente à arte do passado, e sua tendência, ao falar em nome de uma escola determinada, que fala ao mesmo tempo em nome do governo".

Com a NEP e a nova situação pós-guerra civil, abre-se nova fase (1921-1924). De um lado, escritores não-engajados com o movimento de Proletkult, que pretendem "independência frente à ação política e econômica do governo russo"; como dizem os irmãos Serapion, "a obra de arte deve ser orgânica, real, ela deve viver sua própria vida particular"; "deve ser autorizada, mas não obrigada a refletir a época". Esse grupo, denominado Companheiros de Estrada, encontra oposição dos escritores proletários, que procura combater. Os escritores proletários se organizam também, fundam os grupos Outubro e Ao Posto (Au Poste) e, logo depois, a Associação Pan-Russa dos Escritores Proletários. Na sua Primeira Conferência Pan-Russa, eles constatam que "autoridade do proletariado era incompatível com predominância de uma ideologia não-proletária e, por conseqüente, de uma literatura não-proletária". A divergência entre ambas as correntes provoca polémicas, até que o Partido Comunista, em 1924, critica os Companheiros de Estrada e também afirma que nenhuma corrente poderia falar em nome do partido (crítica à posição de Au Poste).

Em 1925, o Comitê Central do PCR publica uma famosa resolução, em que regula oficialmente todas as relações literárias na Rússia. Por ela, determinava-se a relação entre a liberdade do autor e as suas obrigações com a sociedade soviética, sociedade essa que passa agora por uma nova fase de consolidação (em que se acentua a existência do problema camponês, as novas relações com a burguesia, o papel dos intelectuais com a Revolução etc.). No seu parágrafo 1º, a resolução acentua o que fora proclamado na

principalmente para os primeiros. Analisa-se o seu cotidiano, o seu trabalho e suas lutas. A produção literária russa e de outras nacionalidades é produto daqueles que "aprenderam a viver antes de aprender a escrever", numa feliz observação de um crítico. Daí o herói não ser mais o místico atormentado nem o que se autodestrói, mas o que acaba percebendo o sentido positivo da vida e que identifica sua ação com a da classe operária. Há, no entanto, uma observação a ser feita: num ou noutro caso, certos romances não-proletários estão incluídos no levantamento, como é o caso de Pearl Buck. A razão é que esta escritora americana, que viveu na China, retrata as agruras e lutas dos camponeses chineses contra a miséria e até contra o invasor japonês. Os seus romances são publicados no Brasil a partir de 1939 e

---

Primeira Conferência Pan-Russa; que, "numa sociedade de classe, não há e não pode haver arte neutra". Depois de indicar os aspectos negativos das tendências existentes - Companheiros de Estrada, escritores proletários etc. -, a resolução aconselha a adoção de uma posição tolerante com as diversas escolas que defendem a revolução proletária, o combate às tendências contra-revolucionárias na arte, a necessidade do partido não ter preferência por uma escola literária etc. Esta política liberal permitiu o aparecimento de grande número de obras marcantes.

Esta nova fase dura até 1928. Nesse ano, o problema do trotskismo e da situação interna russa soma-se a uma crise nos meios literários. O conflito entre o grupo de Au Poste e o dos Companheiros de Estrada leva alguns escritores a protestarem contra determinadas imposições do grupo proletário. Alguns escritores são admoestados por verem suas obras publicadas no estrangeiro, outros imigram. Ainda mais, muitos escritores acabam concordando em escrever sob "encomendas sociais", isto é, escrever desenvolvendo temas encomendados pelas autoridades políticas. Como resultado, ao lado de uma ou outra obra de valor, aparecem centenas de romances que se assemelham mais a relatórios do que a obras literárias.

Final, é em 1932 que aparece uma nova resolução do Comitê Central do PCR e que dá forma última a esta evolução, e que se traduz pela afirmação do termo "realismo socialista". Com a resolução, desaparecem todas as organizações literárias proletárias e é fundada a União dos Escritores Soviéticos. A justificativa utilizada é a do "sucesso da construção socialista"; a da necessidade de dar homogeneidade ao meio intelectual, já que a literatura deveria se subordinar à construção do socialismo, no momento exato da realização do Plano Quinquenal. Mesmo que não haja definição estética precisa do que é realismo socialista, e que vários estilos e formas ainda continuam preponderando, "este método não deixa de limitar o tempo visual do escritor, impondo-lhe obrigação de tratar de realidades sociais em suas obras". É assim que, afinal, surge na literatura russa o conceito de realismo socialista, última etapa da trajetória acidentada do que se denomina de literatura proletária. O resumo utilizado e as citações são tiradas de: STRUVE, Gleb. *Histoire de la littérature soviétique*. Paris: Éditions du Chêne, 1946. Ver também: SLONIN, Marc. *Modern russian literature: from Chekhov to the present*. Nova York, Oxford University Press, 1953; SLONIN, Marc; REAVY, George. *Anthologie de la littérature soviétique 1918-1934*. Paris: Gallimard, 1935.

1940, e serviram como ilustração e denúncia ao sentido agressivo do capitalismo ocidental e japonês. Daí a simpatia e a difusão de seus livros entre as esquerdas naquele momento.

A bibliografia levantada permite-nos concluir que o número de obras editadas no Brasil realmente é muito grande e, em geral, apresenta um percentual significativo de livros de caráter teórico. O importante é que vão servir de leitura aos militantes, fato que se pode comprovar pelos processos do Tribunal de Segurança Nacional, entre 1936 e 1945. Para citar alguns exemplos: quando Carlos Marighela ou José Maria Crispim (1939 e 1940) são presos, a polícia apreende em suas residências inúmeros volumes de Lenin, Stalin, livros de viagem à Rússia, romances proletários etc., todos eles levantados em nossa bibliografia. Os exemplos podem-se multiplicar à vontade. A formação de uma "cultura proletária" resulta não só da sensibilidade do militante, mas da leitura que faz desses diversos mananciais literários, o que lhe dá o instrumento crítico para que complete sua "visão de mundo". É assim que Marx e Engels, Trotski e Lenin fornecem ao leitor o seu conhecimento teórico, sua linha ideológica; os livros de viagem, medicina e direito dão ao leitor o quadro concreto das novas realizações materiais, da criação de uma nova realidade comunista; os romances, afinal, representam a transfiguração imaginativa do real. E todos juntos indicaram a vereda ao militante de esquerda no Brasil.

São Paulo, setembro 1983 – março 1986.